



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARCELO FELINTO DE ARAGÃO JÚNIOR

NO CRUZAMENTO DAS AVENIDAS IDENTITÁRIAS: UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL DE CONTOS DAS ESCRITORAS CONCEIÇÃO EVARISTO E
MIRIAM ALVES

João Pessoa

Março/2020

MARCELO FELINTO DE ARAGÃO JÚNIOR

**NO CRUZAMENTO DAS AVENIDAS IDENTITÁRIAS: UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL DE CONTOS DAS ESCRITORAS CONCEIÇÃO EVARISTO E
MIRIAM ALVES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para obtenção da Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva

João Pessoa

Março/2020

MARCELO FELINTO DE ARAGÃO JÚNIOR

**NO CRUZAMENTO DAS AVENIDAS IDENTITÁRIAS: UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL DE CONTOS DAS ESCRITORAS CONCEIÇÃO EVARISTO E
MIRIAM ALVES**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva

(Orientadora – UFPB/ DLCV)

Profa. Dra. Assunção de Maria Sousa e Silva

(Examinadora – UESPI)

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

(Examinador – UFPB/ DLCV)

João Pessoa

Março/2020

*“Mãe,
Sabe por que eu gosto de você ser negra?
Porque combina com a escuridão.
Então quando é de noite, eu não tenho medo.
Tudo é mãe, tudo é escuridão.”*

(Elisa Lucinda)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha avó Francisca Costa e a minha mãe Francinéa Costa por todo o apoio e amor que me foi dado durante toda a minha trajetória. Sem vocês duas eu, provavelmente, não chegaria tão longe.

Ao meu pai, Marcelo Felinto, por acreditar em mim e me fazer evoluir como ser humano.

Aos meus irmãos, Karolinne Maria e Paulo Fernando, por me proporcionarem momentos de plena felicidade, deixando, assim, minha vida mais sorridente.

A minha tia, Dora Costa, que ainda na minha infância despertou em mim o gosto pelas histórias e pela leitura.

A minha orientadora, Franciane Conceição Silva, por todos os momentos de aprendizado, pela paciência, pelas conversas que me faziam refletir e enxergar o mundo com novas perspectivas.

Aos membros da Banca Examinadora, Professora Assunção de Maria e Professor Hermano Rodrigues, pelas contribuições enriquecedoras e pelas palavras de incentivo.

Aos professores Sergio de Castro Pinto, Luciana Deplagne, Socorro Pacífico, Mônica Ferraz, José Wellisten, Maria das Graças Carvalho, Maria Cristina, Vanessa Riambau, Amador Ribeiro Neto, Arturo Gouveia, Hermano Rodrigues e Carmen Sevilla por transmitirem o conhecimento com tanto profissionalismo, dedicação e amor.

Aos meus amigos de curso, Suetonio Ramos, Stefany Barros, Mailing Félix, Cybelle Sousa e Mônica Gomides por dividirem comigo momentos de estudos, conversas, sufocos e alegrias.

Aos meus amigos “Pescadores de Ilusões” Bruno Lopes, Felipe Kuroski, Myrna Andreza, Iolanda Carlli, Mayra Miranda, Octávio Nunes, John Kennedy e David Calixto por estarem comigo há anos e anos, celebrando muita parceria.

A todos os colegas, parentes e pessoas que passaram pela minha vida, trocaram experiências e me fizeram evoluir de alguma forma.

RESUMO

O presente estudo busca analisar as intersecções de raça/cor, gênero, orientação sexual e classe em narrativas de Conceição Evaristo e Miriam Alves. Para tanto, comparamos o conto “Os olhos verdes de Esmeralda” e “Beijo na face”, além de “Maria” e “Cinco cartas para Rael”. Os contos analisados foram extraídos dos livros: *Olhos D’água* (2016), de Conceição Evaristo, e *Mulher Mat(r)iz* (2011), de Miriam Alves. O aporte teórico utilizado nesse trabalho é proveniente do livro *Interseccionalidade* (2019), da pesquisadora baiana Carla Akotirene, e da obra *Memórias da Plantação* (2019), da teórica portuguesa Grada Kilomba. Percebemos, através da interseccionalidade, que diferentes tipos de opressão circundam e atravessam as personagens das narrativas estudadas. Observamos, ainda, que os quatro contos analisados trazem como protagonistas mulheres negras. Assim, pudemos comprovar que as mulheres negras fazem parte do grupo mais vulnerável e suscetível a terem seus corpos violentados. Concluímos, portanto, que a violência de raça está atrelada, na maioria dos casos, à violência de gênero, classe e/ou orientação sexual. Isso ocorre porque a sociedade atual ainda preserva comportamentos racistas e patriarcais, contribuindo, deste modo, para a manutenção de uma matriz de opressão colonial.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Opressões. Contos. Autoria Feminina. Literatura Afro-brasileira.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the intersections of race/color, gender, class and sexual orientation in narratives of Conceição Evaristo and Miriam Alves. For that, we compare the short stories “Olhos verdes de Esmeralda” and “Beijo na face”, in addition to “Maria” and “Cinco cartas para Rael”. The short stories analyzed here were extracted from the books: *Olhos D’água* (2015), from Conceição Evaristo, and *Mulher Mat(r)iz* (2011), from Miriam Alves. The theoretical contribution drawn on this work is from the book *Interseccionalidade* (2019), from the researcher Carla Akotirene who is from Bahia, and from the work *Memória de Plantação* (2019) from the portuguese theorist Grada Kilomba. We understand, through the intersectionality, that different types of oppressions surround and cross the studied characters of these narratives. We observe, besides that, that the four short stories analyzed bring black women as protagonists. So, we can prove that black women are part from a more vulnerable and susceptible group to have their bodies violated. We conclude, then, that the race violence is related, in its majority, to the gender, class, or sex orientation violence. That occurs because current society still maintains racists and patriarchal behaviors, contributing, in this way, to the maintenance of a colonial oppression’s matrix.

Keywords: Intersectionality; oppressions; short stories; female authorship, Afro-Brazilian Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CAPÍTULO I	22
1.1. Acidentadas nos cruzamentos: racismo e lesbofobia no conto “Os olhos verdes de Esmeralda”.....	22
1.2. Opressões atravessadas: violência de gênero e lesbofobia no conto “Beijo na face”	29
1.3. Entre o beijo de Salinda e os olhos verdes de Esmeralda: violências entrecruzadas.....	36
2. CAPÍTULO II	40
2.1. Pelas ruas e vielas: as múltiplas facetas da violência no conto “Maria”	40
2.2. Esquecida na beira do caminho: o abandono da mulher negra no conto “Cinco cartas para Rael”	46
2.3. Diálogos interseccionais: “Maria” remete “Cinco cartas para Rael”.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

No campo de estudo da interseccionalidade existe uma metáfora, originada pela advogada americana Kimberlé Crenshaw, que compara diferentes eixos de poder (raça, etnia, gênero, classe etc) a “avenidas que estruturam terrenos sociais, políticos e econômicos” (CRENSHAW, 2002, p.177). No cruzamento dessas avenidas trafegam diferentes formas de opressões que acidentam, muitas vezes, pessoas pertencentes às minorias sociais. Mulheres negras, por exemplo, podem ser colididas no cruzamento das vias de raça e gênero. Homens negros homossexuais estão sujeitos a serem acidentados na encruzilhada das vias de raça e orientação sexual. Desse modo, há várias formas em que essas avenidas se interseccionam e mostram-se um fator de risco para vários grupos.

Sabendo-se dessa problemática, o presente trabalho tem como principal objetivo analisar as questões de raça/cor, gênero, orientação sexual e classe social nas narrativas de Conceição Evaristo e Miriam Alves, e, buscar entender como o cruzamento desses marcadores identitários (eixos de poder) influencia no surgimento das opressões. Os estudos teóricos utilizados para embasar esta monografia são provenientes dos livros *Interseccionalidade* (2019) da pesquisadora baiana Carla Akotirene, e *Memórias da Plantação* (2019) da teórica portuguesa Grada Kilomba. De tal modo, no decorrer desse trabalho, pretendemos fazer um estudo comparativo de contos das escritoras afro-brasileiras Miriam Alves e Conceição Evaristo. Nesse sentido, os contos selecionados são “Os olhos verdes de Esmeralda” e “Cinco cartas para Rael”, extraídos do livro *Mulher Mat(r)iz* (2019) e “Beijo na Face” e “Maria”, extraídos do livro *Olhos D’água* (2016), respectivamente de Miriam Alves e Conceição Evaristo.

Nessas comparações, identificaremos quais marcadores identitários as personagens principais das narrativas estão situadas e quais opressões as circundam por possuírem características que lhes são intrínsecas. Tendo em vista a importância da descolonização, termo utilizado por Grada Kilomba para designar um processo de desfazer o colonialismo moderno, tal estudo buscará reconhecer nos contos a existência de uma violência colonial explícita e implícita, que tanto atinge as minorias sociais.

Considerando que muitas injustiças são praticadas contra grupos minoritários, é evidente que muitos autores pertencentes a elas expressem suas revoltas e angústias como forma de denúncia ou protesto diante do desrespeito sofrido por seu povo. Crimes como a violência de raça, gênero e/ou de orientação sexual, por exemplo, são postos em xeque frequentemente por escritores comprometidos em contar uma outra versão da história,

possibilitando que grupos historicamente silenciados, finalmente, possam ser ouvidos. Para a professora e teórica Inocência Mata, as vozes desses(as) autores(as):

[...] trazem para a cena literária outro sentir, outro saber e outro saber-sentir. Por essas coordenadas não intentam apenas reconstruir *loci* do vivido, mas, simbolicamente a partir dos seus mais atávicos desejos e itinerários, querem torná-los visíveis enquanto institutos do humano e de cidadania, pela nomeação de configurações e nichos temáticos que sempre foram tidos como tabus na processualidade identitária. (MATA, 2007, p. 430).

Considerando o que diz a teórica Inocência Mata, ao falar dessas vozes dissonantes que buscam trazer “outro sentir, outro saber, outro saber-sentir”, a escritora Conceição Evaristo, consciente do sua condição de mulher negra e periférica, vem denunciar em sua literatura a ocorrência de opressões e possibilitar que a voz de uma parcela da população negra seja ouvida. A escritora conhece a realidade que está submetida a categoria minoritária da qual faz parte, pois nasceu em uma favela na zona sul de Belo Horizonte, no ano de 1946, e presenciou cenas de exclusão, pobreza, discriminação, entre outras barbáries.

Conceição Evaristo foi responsável por dar origem ao conceito de “Escrevivência”, que é a escrita que surge a partir da realidade do/da autor/a, ou mais precisamente, das lembranças e experiências vividas com seu povo. Conceição Evaristo remete à escrita da realidade do povo negro, não como um espaço de puro entretenimento, mas como um espaço de denúncias das injustiças e calamidades que são capazes de tirar da zona de conforto todos aqueles que vivem em situação de privilégio econômico, racial, sexual, privilégios esses que são mantidos desde os tempos da Casa Grande. A escritora também fala que a escrevivência é feita por todos, mas a sua, em especial, é condicionada (contaminada) por seu gênero e sua raça. De acordo com Evaristo, em entrevista à Juliane Domingues de Lima, do Jornal Nexô:

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo, a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência (EVARISTO, 2017, s/p).

A referida autora também é Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Estreou no mundo literário no ano de 1990 e escreve obras literárias de diferentes gêneros: os romances *Ponciá Vivência* (Mazza Edições, 2003), *Becos da memória* (Mazza Edições, 2006), *Canção para ninar menino grande* (2018); o livro de poesias *Poemas da recordação e outros movimentos* (Nandyala, 2008); e os livros de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (Editora Malê,

2011); *Olhos d'água* (Editora Pallas, 2014); *História de leves enganos e parecenças* (Editora Malê, 2016); além de uma série de participações em antologias nacionais como *Cadernos Negros* (Quilombhoje, 1990) e internacionais como *Fourteen female voices from Brazil* (EUA, 2002).

O livro *Olhos d'água*, que terá alguns de seus contos aqui analisados, reúne uma série de histórias que convergem para o mesmo ponto: as opressões que circundam a população negra no Brasil atual. Disso resultam-se as histórias de violência, prostituição, exclusão, discriminação entre outras séries de acontecimentos que surgem a partir da opressão sistematizada pelo Estado. Conceição Evaristo, consegue sensibilizar o leitor através de uma escrita precisa, delicada, poética e realista dos fatos. Em prefácio do livro *Olhos D'água*, a pesquisadora Heloisa Toller Gomes, afirma que:

Os contos, sempre fincados no fugidio presente, abarcam o passado e interrogam o futuro. Sintomaticamente, são muitos e diversos os velhos e as crianças que os habitam. O passado é inevitavelmente implacável, o futuro, em geral, duvidoso, certas vezes inexoravelmente negado. (GOMES, 2016, p. 10).

Em alguns contos do livro *Olhos D'água*, Conceição Evaristo resgata o valor de uma religião de matriz africana, no caso, o candomblé, que por tempos foi muito estigmatizada pelo cristianismo e até hoje sofre preconceito porque uma grande parte da população não conhece seus reais fundamentos. No conto que dá nome ao título do livro, a personagem-narradora busca saber qual era a cor dos olhos da sua mãe, e, ao tentar lembrar essa característica física, acaba voltando ao passado de fome e miséria, que era contornado pelas brincadeiras da mãe, fazendo suas filhas esquecerem por um momento da triste realidade na qual estavam submetidas. No final do conto, a personagem principal revela a cor dos olhos de sua mãe comparando-os à água e a um orixá do Candomblé:

A cor dos olhos da minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de mamãe Oxum. (EVARISTO, 2014, p. 18-19)

Em outro conto do livro *Olhos D'água*, intitulado Ana Davenga, percebemos outras problemáticas enfrentadas pela população negra como a criminalidade surgida a partir de um sistema capitalista opressor, a violência policial que está interligada a esse sistema, o feminicídio, a pobreza, além de ter como ponto central o romance da protagonista Ana Davenga com o personagem Davenga, um homem que tinha prazer em assaltar pessoas de grande prestígio na sociedade, mas, ao mesmo tempo, chorava copiosamente no momento das relações sexuais com a sua amada Ana.

Seguindo essa linha de contos intitulados com nome das personagens principais, Conceição Evaristo também nos apresenta “Duzu-Querença”, um conto em que a problemática da miséria e sua perpetuação se faz presente na vida de uma grande parcela do povo negro. Na narrativa, Duzu Querença, ainda menina, é abandonada por seus pais em um bordel, e, ao estar em tal local, começa a realizar tarefas domésticas até que certo tempo depois torna-se uma prostituta do estabelecimento. Com o crescente número de relações sexuais, Duzu passa a ter muitos filhos, e, conseqüentemente, com o avançar de sua idade, passa a ter netos. Ao abandonar a profissão a que estava submetida, a personagem vai morar nos morros com seus filhos, e com as recorrentes dificuldades financeiras de uma mãe sozinha, sem a ajuda dos pais e parentes, acaba por tornar-se uma mendiga. No final do conto há um contraste entre um nascer de esperanças com a neta de Duzu trilhando seu caminho com os estudos, e o fim de um ciclo marcado pela marginalidade com a morte da personagem principal em situação de extrema miséria.

No livro *Olhos D'água* podemos ver outras temáticas como a exaustão com o trabalho e o não aproveitamento da vida como em “O Cooper de Cida”. Vemos a fuga de uma realidade cansativa e quase imutável através do suicídio no conto “Ei, Ardoca”. Há também outras problemáticas como a pobreza e a violência que dizima vidas inocentes nas favelas, explicitadas no conto “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”.

A segunda escritora aqui estudada, também pertencente à Literatura Afro-brasileira e também engajada em retratar as vivências/violências sofridas pelo povo negro, é Miriam Alves. Nascida no ano de 1952, em São Paulo, aos 11 anos de idade já se arriscava no mundo da produção de textos. A autora também desenvolve trabalhos como professora e assistente social. Miriam Alves começou a se destacar no mundo literário afro-brasileiro quando passou a publicar em 1982 seus textos na 5ª edição dos *Cadernos Negros*, uma idealização do coletivo cultural paulista Quilombhoje, que publica obras de escritores negros, muitas vezes esquecidos/ignorados pelas grandes editoras.

A referida escritora tem livros de romance: *Bará na trilha do vento* (Ogum's Toques Negros, 2015) e *Maréia* (Malê, 2019); livros de poesia: *Momentos de busca*. (Edição da autora, 1983) e *Estrelas no dedo* (Edição da autora, 1985); além do livro de contos *Mulher mat(r)iz* (Nandyala, 2011). No livro *Mulher mat(r)iz*, há diversas temáticas que são comumente vistas no cotidiano de pessoas negras e trazem à tona os prazeres e as dores que essa população frequentemente vive. As personagens principais, com exceção do protagonista do conto “Brincadeira”, são predominantemente mulheres negras que vivem em uma boa

condição financeira, mas que são violentadas em decorrência da sua raça, cor, gênero e/ou orientação sexual.

No conto “Alice está morta” presente na obra de Miriam Alves vemos a relação do personagem-narrador, um homem sem um nome explicitado, vizinho de cômodo e amigo de Alice, que está sempre presente com ela. Depois das festas, por exemplo, ele sempre carrega a amiga nos braços de volta para casa. Para dividir as economias, o personagem-narrador e Alice passam a morar juntos desenvolvendo uma relação de companheirismo que algumas vezes desencadeia em atos sexuais. O casal muito pouco saía de casa, porém, certo dia recebem um convite para irem em uma festa de amigos em comuns. Lá eles se divertem, e, na volta, Alice vem novamente nos braços do companheiro, desorientada por causa do uso de alguma droga não especificada. Após uma briga no meio do caminho, o personagem-narrador, de modo bastante frio, decide jogar Alice em uma ribanceira de um lixão, e ela, por sua vez, acaba perdendo a vida.

Além do feminicídio, é possível perceber nos contos de Miriam Alves outras temáticas como a traição, presente em “Minha flor, minha paixão”, conto em que a personagem principal é uma mulher que se relaciona com um homem há mais de vinte anos, sendo este relacionamento baseado em interesses financeiros. No final do conto, a personagem principal, que dirige sua fala a uma senhora, afirma que havia sido traída por seu companheiro, e que tal ato havia sido com outro homem. Abandonada pela pessoa a quem havia dedicado toda uma vida, a personagem que narra o conto é também abandonada pela senhora que lhe ouve, ficando sem ninguém para poder compartilhar suas dores.

Em *Mulher Mat(r)iz* também há um resgate das religiões de matriz africana, como no conto “O retorno de Tatiana”, que fala de uma mulher que após sofrer um aborto passa a ter alguns problemas que para muitos parecem ser mentais, quando, na verdade, são espirituais. E a cura da personagem de nome Tatiana só vem através de um ritual que a coloca em quarentena, isolando-a do mundo físico. Em outro conto chamado “Xeque-mate”, vemos a problemática do assédio sexual cometido por pessoas de grande influência na sociedade, e como essas pessoas utilizam de artimanhas para silenciar as vítimas. Percebemos que Miriam Alves de forma bastante categórica consegue expor na literatura as opressões coloniais que se reinventaram com o avançar dos tempos e tanto violentam a população negra no Brasil.

Para embasar a análise dessas opressões, traremos como aporte teórico o livro *Interseccionalidade* (2019), de autoria da intelectual baiana Carla Akotirene, que faz parte da coleção “Feminismos Plurais” organizada pela filósofa paulista Djamila Ribeiro. O estudo de Akotirene surge com o intuito de apresentar, delimitar e esclarecer o conceito de

interseccionalidade, muito estudado pelo feminismo negro, mas pouco reconhecido e difundido na academia. A autora, que é também assistente social e compõe o quadro de docentes da Universidade Federal da Bahia, nos mostra um panorama do conceito de interseccionalidade, trazendo a origem de tal termo com a advogada americana Kimberlé Crenshaw, em 1989, e também buscando esclarecer que antes de existir uma definição precisa, já se pensava em interseccionalidade. Um dos exemplos trazidos é o caso de Sojourner Truth, uma norte americana escravizada, vendida ainda criança junto com os gados, que em 1867 discursou sobre a infantilização da mulher negra, denunciando as opressões sofridas no trabalho e dentro de casa por seu marido que lhe tomava o seu dinheiro.

A autora esclarece que dispensa uma linguagem cientificamente tradicionalista, de cunho eurocêntrico, que ignora as pautas reivindicadas pela sua ancestralidade africana. E, além disso, fala de forma categórica sobre os ativismos reconhecerem a existência de uma matriz colonial moderna, detentora de relações de poder que se sobrepõem a variadas estruturas dinâmicas, cabendo aos grupos oprimidos dessas estruturas requererem:

1. instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero; 2. sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários; 3. atenção global para a matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão. (AKOTIRENE, 2019, p. 20).

Tal matriz colonial moderna remete a um lugar onde o cisheteropatriarcado continua em espaços de poder, usufruindo de privilégios herdados desde o Brasil Colônia, e, oprimindo nas mais variadas formas os diferentes grupos pertencentes às minorias sociais. Caso esses grupos minoritários se instrumentalizem acerca dos marcadores identitários dos quais fazem parte, é provável que surja um movimento cada vez mais forte de combate à matriz colonial moderna.

Outro embasamento para este estudo, que dialoga o tempo todo com a interseccionalidade, é a obra *Memórias da Plantação* (2019), da teórica e artista portuguesa Grada Kilomba. Uma peça fundamental para entendermos a dimensão, a significação e as consequências do racismo cotidiano, que atinge uma população de afrodescendentes espalhados no mundo a fora. Tal obra faz parte da pesquisa de doutorado da autora que buscou explicar o racismo a partir de conceitos psicanalíticos, teoria pós-colonial, estudos de gênero e de branquitude, e também a partir do feminismo negro. O nome *Memórias de Plantação* remete ao período colonial responsável por uma agricultura severa e desumana que mantinha sua mão de obra constituída por africanos(as) escravizados(as). Conforme Kilomba, o respectivo termo:

[...]examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “*plantação*” e “memórias”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada. É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em uma cena colonial na qual, como no cenário de uma *plantação*, ele é aprisionado como a/o “Outra/o” subordinado e exótico. (KILOMBA, 2008, p. 29-30).

Grada Kilomba traz relatos de mulheres negras que vivem na Alemanha e se voluntariaram para contribuir com a sua pesquisa. Esses relatos mostram casos de racismo em diferentes formas, que atingiram não só essas mulheres como também alguns(mas) de seus/suas parentes. A teórica utiliza uma linguagem que traz uma narrativa científica, mas também poética, e, além disso, descarta a possibilidade de escrever a partir de uma norma acadêmica que preza pela objetividade e segue rígidos padrões epistemológicos. Kilomba objetiva “descolonizar o conhecimento” que foi tão dominado e apropriado por brancos nas mais diferentes épocas, e muito negado a população negra. A estudiosa portuguesa se preocupa em ressignificar tais padrões epistemológicos que muitas vezes ignoraram a luta antirracista da qual faz parte. Segundo a autora, a subjetividade é um dos componentes centrais do seu estudo que busca teorizar a partir da sua própria realidade:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e subjetividade, pois contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais *negras/os* se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu como mulher *negra*, escrevo com palavras que descrevem a minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito *branco*, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. (KILOMBA, p. 58-59).

Tendo em vista que a autora portuguesa escreve a partir de sua própria realidade, de mulher negra, podemos inferir que de alguma forma seus estudos teóricos se aplicam às escrevivências de Conceição Evaristo e às narrativas de Miriam Alves, atentando ao fato de que as autoras escrevem a partir de experiências vivenciais semelhantes. A teoria de Kilomba também dialoga com a teoria de Akotirene, se considerarmos que a primeira autora analisa os casos de racismo cotidiano prestando atenção aos diferentes marcadores identitários das vítimas. Nesse contexto, no decorrer de nosso trabalho, estudos pós-coloniais e literatura afro-brasileira se entrelaçarão, dialogando com a análise aqui presente e contribuindo com a descolonização do conhecimento.

Dessa forma, a análise da ocorrência da interseccionalidade na literatura afro-brasileira é fundamental para entendermos todo um sistema de opressão que circunda a população negra, e, que ocorre desde o período colonial até os tempos de hoje. A nossa escolha por esta

categoria analítica se dá pelo fato de que através dela, podemos analisar não só o racismo, como também todo o mecanismo opressor que acidenta tal população nas diferentes avenidas identitárias. A violência que uma mulher negra sofre, por exemplo, é diferente da violência sofrida pelo homem negro, assim como pela mulher lésbica negra e do homossexual, travesti e ou transexual negro/a. São diferentes tipos de violências que não podem ser enquadradas como pertencentes a um único grupo, pois cada um vive uma realidade diferente, e, portanto, reivindica direitos diferentes. A escolha em analisar a interseccionalidade na literatura afro-brasileira se dá também para tentarmos combater todo um sistema opressor que insiste em colocar a população negra, da qual fazemos parte, em posições subalternas e desprivilegiadas, nos fazendo pensar que o nosso papel é apenas o de servidão à branquitude, e, que não podemos/poderemos estar inseridos em espaços de poder para conseguirmos mudanças.

Transgredindo alguns padrões impostos pela academia, falando agora na primeira pessoa do singular, quero afirmar que um dos meus papéis como homem negro e estudante universitário é o de lutar pelo meu povo. O meu povo negro que continua sofrendo as humilhações herdadas pelo regime escravocrata, e até hoje são perpetuadas nos mais variados discursos que negam o racismo e até o próprio período da escravidão, como também nas mais cruéis ações impulsionadas por tais falas: atos de racismo explícitos e implícitos, extermínio da população negra, estupro e/ou feminicídio de mulheres negras, silenciamento da comunidade LGBTQ+ negra através de agressões físicas e verbais, como também estupros corretivos e homicídios cometidos contra esse último grupo, além das mais variadas formas de opressão vivenciadas por nós pessoas negras.

Tendo em vista a normalização do absurdo propagada por diferentes agentes do âmbito político e social brasileiro, me preocupa o fato de que toda a luta antirracista está correndo um perigo que aumenta gradativamente com o afrouxamento e a falta de políticas públicas, sendo desvalorizada e enquadrada como algo desnecessário, antiquado e que beira à vitimização. Sabendo que estou inserido num ambiente de amplo conhecimento que é a universidade pública, luto por aqueles que não tiveram a oportunidade de estar nesse espaço acadêmico, por aqueles que tiveram uma educação precária e não conseguiram passar no processo seletivo de ingresso à universidade, pelos negros e negras que tiveram suas vagas referentes às cotas raciais violadas por estudantes brancos que se autodeclararam pretos apenas quando lhes convém, luto pelo meu povo negro que não teve a oportunidade de estudar, ora porque não morou perto de escolas, ora porque precisou trabalhar para sustentar a família, ora porque foram desestimulados por colegas de classe, professores e diretores, ora porque sofreram algum tipo de discriminação que os tirou dos caminhos da educação escolar.

Este trabalho que contém análises interseccionais das obras de Conceição Evaristo e Miriam Alves fala muito sobre essa falta de oportunidades, sobre uma população que luta exaustivamente para conseguir viver com o mínimo de dignidade, mas é vencida por todo um sistema de opressões que a extermina e a silencia de diversas formas, ou sobre uma população negra que mesmo tendo oportunidades, dinheiro, trabalho e comida na mesa ainda sofre por pertencer a outros marcadores identitários como gênero e orientação sexual, por exemplo. Pensar na Interseccionalidade é pensar que existe uma pluralidade de identidades e que todas merecem ser reconhecidas como diferentes e respeitadas pelo o que são.

Outro fator que me faz optar pelo estudo da interseccionalidade na literatura afro-brasileira, em especial nos contos de Conceição Evaristo e Miriam Alves, é que pouco se estuda na graduação, uma literatura afro-brasileira voltada para a reflexão das opressões, em seus mais diversos tipos, sofridas pela população negra nos contos, romances, poemas e outros gêneros literários produzidos por escritores(as) negros(as). Impera na universidade a branquitude que preza pelo cânone literário, composto, na maioria das vezes, por homens brancos. A mulher, em especial a mulher negra escritora e brasileira, fica excluída das disciplinas de literatura da grade curricular obrigatória, e, essa exclusão é o que vai contribuindo para o silenciamento/invisibilidade de uma parcela da sociedade que luta exaustivamente para estar inserida nesses espaços de poder.

Ademais, a minha escolha pelo gênero literário conto acontece pelo fato de que através dessas pequenas e relevantes narrativas é possível inserir neste trabalho um número maior de situações em que se possa analisar produtivamente a interseccionalidade. Se para Bosi (1974, p. 7) “... a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades de ficção”, queremos abranger ao máximo essas possibilidades ficcionais para que uma análise maior das opressões na literatura afro-brasileira seja efetivada.

Partindo, neste momento, para a fundamentação teórica deste trabalho iniciamos explicando o termo interseccionalidade, que foi fundado pela professora e advogada americana Kimberlé Williams Crenshaw no ano de 1989, no artigo “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”. Tal categoria analisa como os diferentes marcadores identitários (gênero, cor, raça, classe social, orientação sexual, idade entre outros) se entrecruzam ou se sobrepõem e fazem grupos pertencentes a eles sofrerem os mais variados tipos de opressão por variados agentes da sociedade. Para Crenshaw a interseccionalidade é definida como:

[...] a conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre os dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 175)

Um dos motivos para Kimberlé Crenshaw criar estudos relacionados à interseccionalidade, foi uma ocorrência jurídica que lhe chamou muita atenção. Ela viu num parecer legal o caso de Emma DeGraffenreid, uma afro-americana, esposa, mãe, trabalhadora, que havia tido sua alegação negada por um juiz. Tal alegação acusava uma fábrica de automóveis por discriminação de raça e gênero por não empregar a mulher em tal lugar. Emma acreditava que não fora classificada/convocada ao emprego por ser mulher e negra. A justiça, por sua vez, contestou dizendo que a fábrica empregava pessoas negras e mulheres, e que, portanto, a alegação da vítima não era válida. Se olharmos o contexto de longe, talvez achássemos o parecer da justiça aceitável e/ou justificável, porém, analisando de forma mais aprofundada Kimberlé Crenshaw notou que as pessoas que trabalhavam na fábrica de automóveis eram homens negros que faziam todo o trabalho braçal, de montagem dos veículos, e, as mulheres eram brancas que trabalhavam na parte da recepção. Ou seja, não havia espaço para mulheres negras, e, a queixa de Emma Degraffenreid era totalmente admissível.

Para Carla Akotirene, o menosprezo às queixas das mulheres negras é fruto de uma intersecção complexa do sistema moderno. Segundo a teórica baiana:

O Direito tem sua dinâmica interseccional, misoginia e racismos institucionais e dá conta dos mesmos recursos administrativos responsáveis por obstruir às mulheres negras o direito de registrarem queixas, levando em conta discursos prévios sobre mulheres fáceis, raivosas, perigosas, sexualmente disponíveis. (AKOTIRENE, 2019, p. 71)

Teóricas do feminismo negro são unânimes ao afirmarem que a área jurídica muitas vezes ignora as denúncias de mulheres negras, sejam elas sobre a não contratação numa empresa com normas racistas e segregadoras, como foi apontado por Degraffenreid e Crenshaw, sejam elas denúncias de agressão do marido, companheiro ou conhecidos dessas mulheres. O direito precisa se instrumentalizar acerca da interseccionalidade para que passe a enxergar, validar, seguir adiante com as queixas e alegações de mulheres negras.

A interseccionalidade vem a estudar quais são as condições que levam essas mulheres e outras minorias a serem violentadas, prestando atenção aos mais variados marcadores

identitários que as compõem. Akotirene ainda fala que a interseccionalidade não se estende aos grupos que estão fora da categoria de Outros, isto é, aqueles que vivem em situação de privilégio racial/econômico/sexual e não sofrem opressão por serem o que são. Conforme a teórica:

A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões. A interseccionalidade dispensa individualmente quaisquer reivindicações identitárias ausentes da coletivamente constituída, por melhores que sejam as intenções de quem deseja se filiar à marca fenotípica da negritude, neste caso, as estruturas não atravessam tais identidades fora da categoria de Outros. (AKOTIRENE, 2019, pg. 47).

As pessoas pertencentes ao sistema cisheteropatriarcal branco não são aptas a aderirem aos movimentos da negritude, porque mesmo que tenham boas intenções não terão o mesmo olhar que pessoas negras têm das opressões, e, além disso, estarão tomando o protagonismo de quem está em seu verdadeiro local de fala. Todos podem ser simpáticos às causas que se identificarem, porém é preciso saber os limites de participação em cada uma delas.

Tendo em vista a diferença de pautas defendidas nas variadas correntes do feminismo, Carla Akotirene vem a defender a interseccionalidade do feminismo negro como algo que surgiu a partir das opressões coloniais que tanto atingiram as escravizadas, diferentemente do feminismo branco que surge a partir de um conhecimento acadêmico e eurocêntrico. Conforme a teórica:

Teoria, metodologia e instrumento prático, a interseccionalidade revela o ciclo lunar da militância encabeçada pelas intelectuais negras numa diversidade de marés na história do feminismo, rejeita a brancura das ondas feministas, que não passaram experiências da colonização e nem sequer compuseram o projeto intelectual emocionado, manifesto de força teórica negra, sem estar presa às correntes eurocênticas e saberes narcísicos. (AKOTIRENE, 2019, p. 34-35).

A teórica baiana mostra-se fundamental por expor uma categoria analítica que precisa ser mais estudada e difundida em língua portuguesa, para que haja um entendimento maior das opressões vigentes na sociedade e toda a cadeia de opressões seja quebrada. Apesar de a interseccionalidade estar muito interligada ao feminismo negro, ela pode ser estudada pelos mais variados grupos sociais. E assim como diz a autora:

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento nesse campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras. (AKOTIRENE, 2019, p. 23).

Se essas minorias citadas se instrumentalizam acerca da interseccionalidade, com certeza poderão contribuir para o combate a matriz de opressão colonial que se expande a cada dia mais. Uma das opressões impulsionadas por essa matriz, e que sempre esteve em evidência é o racismo que continua sendo propagado de forma explícita ou institucional. Sobre a teoria aqui estudada e esta problemática do racismo, Akotirene afirma que:

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se da experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois são grupos marcados pela sobreposição dinâmica e identitária. (AKOTIRENE, 2019, p.48).

Podemos perceber que é impossível falar de interseccionalidade sem levar em consideração a existência do racismo, pois ele está presente em diferentes formas de violência contra a população negra. Quando outros marcadores identitários se somam à raça, essa violência pode ser ainda mais brutal. Mulheres trans negras, por exemplo, são diariamente agredidas e mortas no Brasil, e com isso, tornam-se uma população muito vulnerável, tendo em vista a ineficácia das leis para punir seus agressores.

Marcadores como classe também se interligam à raça o tempo todo. No Brasil, por exemplo, sabemos que o problema da extrema pobreza tem cor, sabemos que uma política de distribuição de renda que combata a desigualdade caminha a passos lentos. Sabemos que os grandes detentores de fortunas ignoram o fato de existirem pessoas passando fome, e assim, contribuem para o surgimento de um Estado cada vez mais miserável. Interligando-se com o que foi exposto, Akotirene afirma que a “Interseccionalidade revela o que classe pode dizer de raça, da mesma forma que raça informa sobre classe.” (AKOTIRENE, 2019, p. 50).

É pela interseccionalidade que se pode compreender, por exemplo, a seletividade das excessivas rondas policiais em bairros periféricos em um fracassado projeto de combate às drogas, as frequentes abordagens policiais a homens negros, vistos por um sistema branco opressor como perigosos, ameaçadores, detentores de drogas ou armas, e também o descrédito das autoridades jurídicas às queixas de violência sofrida por mulheres negras advindas de comunidades carentes. Em todas essas situações acima há um cruzamento de raça, gênero e classe social, mostrando que pessoas negras e pobres são atingidas o tempo todo no trânsito das avenidas identitárias.

Considerando as variadas formas de opressão que de forma institucionalizada oprimem e inviabilizam pessoas negras, Akotirene declara que:

[...] é o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação

das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação. (AKOTIRENE, 2019, p. 59).

Vale destacar que esse padrão colonial moderno é um sistema com um leque gigante de violências que se reinventam e reinventaram do momento da abolição da escravidão até o tempo atual. Novas formas de exploração são impulsionadas, a exemplo de empregadas domésticas que exercem sua função muito acima da carga horária máxima de trabalho permitida e recebem uma remuneração muito abaixo de um salário mínimo. Há também novas formas de exclusão sendo geradas, a exemplo da empresa citada por Kimberle Crenshaw que não contratava mulheres negras. E, novas formas de açoite são cometidas diariamente contra pessoas negras sejam através uma violência simbólica, que não toca o corpo, mas fere através de palavras e gesto, ou seja através de uma violência explícita que dilacera, transfigura e/ou mata pessoas negras em diferentes contextos.

Outra teórica que utiliza da interseccionalidade (mesmo sem muito utilizar este termo) para investigar e explicar os casos de racismo relatados por suas entrevistadas é a Grada Kilomba, estudiosa e artista portuguesa já citada anteriormente neste trabalho. Em seu livro, a autora analisa interseccionalmente o racismo genderizado, alegando que a raça e o gênero estão sempre interligados, buscando explicar como as construções de gênero podem resultar no racismo. Conforme diz a teórica:

Metodologicamente, este estudo busca entender, reconstruir e recuperar experiências de mulheres negras com o racismo em uma sociedade branca patriarcal, levando em consideração as construções de gênero e o impacto dos gêneros nas formas e nas experiências do racismo. (KILOMBA, 2019, p. 81).

A teórica também analisa uma problemática resultante do racismo, que é o suicídio que muitos afrodescendentes cometem tendo em vista sua solidão em um ambiente de não acolhimento. Como o caso da mãe de sua entrevistada (Kathleen), uma mulher que vivia em um bairro em que a maioria das pessoas eram brancas, e que por não serem tão receptivas às pessoas negras, não a tinham como amiga. Em síntese, a mãe de Kathleen vivia em estado de isolamento e vivenciava um racismo velado que a empurrava para um estado de Outridade, isto é, um estado que a considerava fora dos padrões brancocêntricos e a invisibilizava. Em uma análise interseccional e no que toca a essa situação, Grada Kilomba diz:

Em um esquema de gênero-raça, no entanto, esse estado de Outridade é mais complexo, como as próprias palavras de Kathleen explicam. Mulheres *negras*, por não serem nem *brancas*, nem homens passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia *branca*. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla,

pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. (KILOMBA, 2019, p. 190).

Por estarem entre o grupo mais afetado no tráfego das avenidas identitárias, as mulheres negras estão cada vez mais dominando os estudos interseccionais, tomando conhecimento acerca das opressões que lhes cercam diariamente, e com isso, criando uma linha de pensamento que tem em vista a descolonização. É por esse fator que Carla Akotirene diz que “É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (AKOTIRENE, 2019, p. 24).

Como já foi visto, esse conceito leva em consideração as questões de raça atreladas a outros marcadores identitários. Mas, por tempos, muitos estudos pós-coloniais estudavam apenas o racismo, não considerando sua inseparabilidade de outros eixos de opressão. Por este motivo, Kilomba em consonância com o pensamento da teórica americana bell hooks afirma que:

A maior parte da literatura sobre o racismo falhou em abordar a posição específica das mulheres negras e as formas pelas quais as questões de gênero e sexualidade se relacionam a questões de raça. O racismo condicionou as vidas de pessoas negras de tal forma que a “raça”, muitas vezes, é considerada “o único aspecto relevante de nossas vidas e a opressão de gênero torna-se insignificante à luz da realidade mais dura e atroz do racismo.”. (KILOMBA, 2019, p. 96 apud hooks, 1981, p.1).

É importante ressaltarmos que o racismo por si só é uma problemática que merece grande destaque nos estudos descoloniais. Porém, sabendo-se quem sofre com as opressões de raça é impossível desassociá-la, em alguns casos, das opressões de gênero, de orientação sexual e de classe. Deste modo, Kilomba é enfática ao dizer que “Formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam” (KILOMBA, 2019, p. 98).

Com isso podemos dizer que a interseccionalidade busca compreender de forma detalhada todas as formas de opressão contra aqueles que vivem em estado de Outridade. É pela interseccionalidade que alguém deixa de ser Outro e torna-se sujeito. Sujeito da sua própria realidade, que pode transformar não só a si, mas um conjunto de pessoas que estejam dispostas a lutar contra a matriz colonial de opressão que tanto agride a alma e o corpo negro.

Tendo em vista o que foi apresentado, nosso trabalho será dividido em dois capítulos. No primeiro, iremos analisar o conto “Os olhos verdes de Esmeralda”, de Miriam Alves, relacionando-o ao conto “Beijo na Face”, de Conceição Evaristo. Como os dois contos falam de mulheres negras e lésbicas, pretendemos discorrer sobre o racismo, lesbofobia e misoginia que violentam as personagens principais de cada narrativa. Em um primeiro momento, analisaremos o conto de Miriam Alves, em seguida, o de Conceição Evaristo, e, por fim,

compararemos as duas obras objetivando estabelecer conexões entre as problemáticas vividas pelas personagens.

No segundo capítulo, teremos como objeto central a análise do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, em relação ao conto “Cinco cartas para Rael”, de Miriam Alves. Nesse capítulo, além das opressões de cor e gênero, identificaremos as opressões em detrimento da classe social e econômica das personagens. Veremos como em ambos os contos as personagens estão situadas no cruzamento das avenidas identitárias, e, quais violências rondam e atingem todas elas. Será analisado um conto por vez, e, ao final do capítulo, haverá uma comparação entre as narrativas das autoras aqui estudadas.

É importante compararmos a escrita de autoras pertencentes à literatura afro-brasileira, por motivos de percebermos as diversas problemáticas que vive o povo negro nos tempos modernos. Cada autora irá mostrar, do seu modo, que em meio a tantas opressões que dizimam/desconfiguram/violentam vidas negras há vários temas, como o amor e o afeto, que humanizam as personagens de seus escritos.

1. CAPÍTULO I

1.1. Acidentadas no cruzamento: racismo e lesbofobia no conto “Os olhos verdes de Esmeralda”

Em uma sociedade marcada pela indiferença às raças não brancas e à diversidade sexual, é muito perigoso que pessoas pertencentes aos grupos minoritários mostrem quem verdadeiramente são, tendo em vista a violência sofrida por estes nos mais variados contextos e nas mais diferentes formas. O conto “Os olhos verdes de Esmeralda”, extraído da obra *Mulher Mat(i)z*, de Miriam Alves, denuncia essa realidade de não aceitação do que é visto como diferente, e, como consequência disso, uma reação de extrema violência por aqueles que detém um certo tipo de poder e privilégios na sociedade.

Na narrativa, a personagem central Julita, mais conhecida como Esmeralda por causa dos seus olhos verdes, é uma mulher negra de tonalidade “ocre amainado”, muito admirada pelos seus familiares por ter estudado em uma universidade, se formado e ter se estabelecido financeiramente. Esmeralda, nos tempos de universitária, passa por dificuldades financeiras, mas posteriormente torna-se uma mulher com uma vida economicamente estável e independente.

Apesar de sua posição de respeito dentro da família, a personagem principal não se sentia segura para assumir publicamente o seu relacionamento com Marina, uma mineira de Diamantina que conhecera nos tempos de universidade. Nessa época, tanto Marina quanto Esmeralda não se sentiam pertencentes àquele ambiente onde estavam incluídas, o sentimento de solidão e deslocamento só foi cessado quando as jovens passaram a se relacionar, primeiramente como amigas que dividiam as despesas da casa, trabalhando como frentista e garçonete, e depois como namoradas. No trecho do conto, abaixo destacado, podemos perceber como a construção do relacionamento entre as duas personagens foi acontecendo:

Ao final do primeiro ano de vida em comum, a amizade evolui para um amor irresistível, inseparável e secreto. Quem se declarou? Não se sabe, foi um ir acontecendo e pronto. Passaram a ficar mais tempo em casa. O amor ultrapassou os tempos de estudantes. Final do curso, voltaram à casa dos pais. Firmaram-se profissionalmente. (ALVES, 2011, p. 63).

O relacionamento das jovens protagonistas foi se consolidando, e com o passar do tempo, Marina e Esmeralda permaneceram se amando, mas mantendo a relação reservada. Para evitar desconfiança dos familiares, elas decidiram morar em apartamentos separados. Certo dia, em um churrasco da família, ao ver que várias pessoas estavam trocando afetos nas

dependências da casa, o casal de namoradas dirigiu-se ao banheiro para se amarem secretamente. Como podemos ver na citação seguinte:

Foram ao banheiro e beijaram-se, língua com língua. Afagaram os cabelos. Esmeralda lambia devagar o pescoço de Marina. De repente, deram-se conta do lugar onde estavam. Não gostavam do agarra-agarra no banheiro. Não era o clima ideal para um amor cultuado na base do respeito, cumplicidade, ajuda mútua, cooperação e entendimentos. (ALVES, 2011, p. 64)

Ao perceberem que não estavam em um lugar favorável para se amarem com mais intensidade, as mulheres decidiram ir para um de seus apartamentos. No caminho de volta para casa, Marina e Esmeralda trocavam carícias e afetos dentro do carro em que estavam, sem imaginarem que segundos depois uma viatura policial as parariam. E o que deveria ser apenas uma abordagem de rotina, acaba transformando-se um momento de grande brutalidade e violência. A agressão contra as mulheres se inicia quando o policial que lidera a abordagem percebe que a mão de Esmeralda está sobre a entrecosta de Marina. Ao constatar que as duas mulheres formam um casal, o homem raivosamente passa a insultá-las, primeiro escarnecendo a orientação sexual delas, e em seguida, proferindo insultos racistas:

O sargento percebeu o gesto ao acercar-se do carro. Ela recolheu rapidamente a mão, retraindo-se. “Temos dois machos aqui. Hei este aqui está com lentes de contatos verdes. Metida a americana, Hein?”, falou, apertando rudemente o rosto de Esmeralda entre o indicativo e o polegar. O sargento branco, alto, gordo, cara de bolacha metida na banha, sorriu maliciosamente e, com maldade e despeito, perguntava-se: “Por que ele não conseguia pegar mulher? Estas duas sapatas filhas da puta ali na sua frente. Não eram feias, apesar de negras”. (ALVES, 2011, p. 65).

O ato discriminatório foi evoluindo gradativamente, passando da violência verbal para uma violência física e sexual cada vez mais intensa. As mulheres amedrontadas foram retiradas do carro e imobilizadas por dois policiais. A personagem Esmeralda é submetida a uma sucessão de violências, como podemos observar no excerto do conto destacado a seguir:

Retirou-a do carro, colocou-a no camburão e, ali mesmo, passou a violentá-la. “Não gosta de homem, não é? Vou fazer você gostar! Nunca conheceu um, não é...? Você vai sentir o que é bom!” gritava ele, brutalmente. Espancou-a, desfechando golpes no rosto, na altura dos olhos. Rua vazia, ninguém viu. Quem viu, fingiu não ver. Esmeralda, boca tampada pelas mãos gordas e sebosas do policial. A língua viscosa com cheiro e gosto de cigarros, conhaque barato e maconha lambia-lhe os olhos verdes como querendo suga-los. (ALVES, 2011, p. 65).

No trecho acima, um fato que chama atenção, além da violência sofrida pela personagem Esmeralda, é a omissão das pessoas em relação à situação. É que mesmo a rua aparentemente vazia, poderia ter alguém que presenciara a cena e “fingiu não ver”. O medo de confrontar uma autoridade policial armada, num local sem movimentação de pessoas poderia

ser uma das causas para a falta de uma intervenção pública. O medo pode tornar as pessoas incapazes de reagir a certas situações que comprometam a sua vida ou pode fazer com que elas se tornem indiretamente coniventes com as injustiças.

No conto, a violência sofrida por Esmeralda é observada por Marina que está imobilizada por dois policiais, enquanto um outro está estuprando sua companheira e proferindo insultos constantemente. A mulher chora, mas não pode fazer nada. Até que chega a sua vez de ser violentada:

A autoridade gritava: “Veja o que um homem faz com uma mulher. Sapata de merda! Chore não, vai chegar sua vez. Não vou gastar tudo com ela não, pode esperar”. Saiu de cima de Esmeralda. Olhando para os dois policiais que seguravam Marina, ordenou: “Comam também! Depois tem esta aí de sobremesa”. Agora, era a vez de ele segurar Marina, enquanto Esmeralda, já sem forças, era novamente molestada pelos outros dois. (ALVES, 2011, p. 66).

Os policiais ainda proferiram insultos como “negras nojentas” e “sapatas filhas da puta”. As mulheres se sentiram impotentes diante da situação, estando agora com os corpos e mentes cheios de dores, marcas e sequelas. Depois de toda a desumanidade perpetrada pelos policiais, as mulheres são abandonadas na avenida, ficando elas em silêncio, em estado de assombro, aturdidadas com toda a violência sofrida, como se comprova no trecho abaixo:

Dizem que, quando o sofrimento é muito, o espírito se ausenta para amenizar a dor. Quando o horror acabou, ficaram ali na avenida um bom tempo, desamparadas, enquanto clareava o dia. Sem reação, abraçadas, compartilhavam angústia e revoltas mudas perante tudo. Um processo correndo sem testemunhas, o vexame do corpo de delito e... a vida continua. (ALVES, 2011, p. 66).

As violências sofridas pelas personagens da ficção de Miriam Alves fazem parte da realidade de muitas pessoas pertencentes a comunidade LGBTQ+, não só no Brasil como em vários países do mundo. Outros marcadores identitários somados à orientação não heterossexual, podem agravar ou não o tipo de violência sofrida por esses grupos. É o caso da mulher lésbica negra, que é acidentada no cruzamento das avenidas identitárias de raça, gênero e orientação sexual.

No caso de Esmeralda e Marina, percebe-se que elas fazem de tudo para trafegarem nas “avenidas” com o menor risco de acidentes, como na avenida cisheteropatriarcal, seguindo às normas (aparentemente) para não “sofrerem” nenhum tipo de consequência. Uma das normas mais cruciais que as duas seguem é a do silêncio, escondendo assim, o relacionamento amoroso de toda a família e sociedade. Se por um lado Esmeralda era vista pela família como uma mulher independente, dona de si própria, por outro, ela não se sentia segura em mostrar quem verdadeiramente era.

Para a teórica baiana Carla Akotirene, em consonância com a filósofa Maria Lugones e a socióloga Avtar Brah, o tráfego de mulheres negras longe da avenida da cisgeneridade branca heteropatriarcal resulta num trânsito de diferenças que exclui quem elas são:

A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiro-mundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade, conforme pensam Maria Lugones e Avtar Brah. (AKOTIRENE, 2019, p. 30).

Esmeralda e Marina, trafegando também nessas avenidas vistas como não padrões, têm suas identidades ocultadas e excluídas numa sociedade que até hoje herda frutos da opressão colonizadora. A sociedade cisheteropatriarcal também violenta a mulher quando a impede de não exprimir sua real identidade de gênero e/ou a sua real orientação sexual, existentes nas mais variadas formas. Para Akotirene:

O cisheteropatriarcado refaz, do mesmo modo, o confessionalismo das misoginias contra as mulheres lésbicas, reestruturando as sistemáticas do colonialismo moderno. (AKOTIRENE, 2019, p. 39).

Essa estrutura opressora do colonialismo moderno, marcada por misoginias, chega diretamente a Esmeralda e Marina em um determinado momento quando seus primos e amigos lhe lançam olhares que sugerem paqueras, ficando mais evidente no trecho “Eles as admiravam como mulheres gostosinhas independentes.” (ALVES, 2011, p. 62). Em seguida, é exposto um ato de racismo quando o narrador relembra a adolescência de Esmeralda, período em que ela sofria bullying por ter ser negra de olhos verdes.

Em relação a violência policial sofrida pelas duas personagens principais, vemos que a frase dita pelo sargento “Tem dois machos aqui.” (ALVES, 2011, p. 65) mostra como o imaginário popular foi ensinado a associar a pessoa da mulher lésbica à figura de masculinidade. Depois, o insulto “sapatas filhas da puta” é proferido pelo sargento, como forma de agredi-las psicologicamente, ferindo assim, a honra das mulheres que haviam sido coagidas.

É importante destacarmos, também, a seguinte frase dita pelo sargento: “Estas duas sapatas filhas da puta ali na sua frente. Não eram feias, apesar de negras” (ALVES, 2011, p. 65). A partir do que foi enunciado, percebe-se que há um pensamento altamente racista que relaciona pessoas negras ao conceito de não belo. Sendo isso, o resultado de uma cultura eurocêntrica que preservou por muito tempo a imagem da pessoa branca como bonita, como um modelo padrão que se sobrepunha a todas as outras raças.

Tendo em vista algumas das formas de opressão presentes no conto, é crucial destacarmos o papel do feminismo negro, que traz uma luz aos estudos interseccionais e socorrem aqueles que são afetados pelo racismo e sexismo vigentes na sociedade. Como afirma Carla Akotirene:

O feminismo negro está interessado em socorrer considerando os sentidos: se a pessoa está responsiva aos estímulos lésbicos, se sofreu “asfixia racial”, se foi tocada pela polícia, se está escutando articulações terceiro-mundistas. A única cosmovisão a usar apenas os olhos é a ocidental e esses olhos nos dizem que somos pessoas de cor, que somos outros. (AKOTIRENE, 2019, pg. 24).

Percebemos que no conto “Os olhos verdes de Esmeralda”, as duas personagens principais estão responsivas aos estímulos lésbicos quando se relacionam entre si e sabem quem são, sofrem a asfixia racial quando não se sentem inclusas no ambiente acadêmico onde estudavam, e são tocadas pela polícia quando a abordagem feita se torna uma agressão, dividida em vários tipos. Tendo em vista esses casos, o feminismo negro surge como uma forma de construir um pensamento que busque descolonizar o pensamento branco heteropatriarcal, que atropela as mulheres negras nas mais diferentes avenidas identitárias.

Em relação ao estupro presente no conto, percebemos que, de início, um dos policiais, durante o ato, lambe os olhos de Esmeralda “como querendo sugá-los” (ALVES, 2011, p. 65). Antes disso, o sargento já havia insinuado que a mulher usava lentes de contatos verdes. E a partir daí, podemos inferir que o ato de lambe/sugar os olhos de Esmeralda era uma das formas de retirar as lentes que ela não possuía, desconfigurando, assim, o seu corpo.

O pensamento colonial, predominantemente racista, muitas vezes não aceita que negros possuam características que lembrem o fenótipo branco europeu. Pessoas como Esmeralda, que já nasceram com esses traços, são logo tachadas de falsas, sendo assim ridicularizadas e até tocadas/agredidas para “conferirem” se de fato elas possuem naturalmente tais características. É importante também destacar, que a mesma sociedade que ridiculariza o negro com algum traço europeu, é a mesma que se apropria das tranças e dreadlocks de mulheres negras com cabelos crespos, e é sempre bem vista na grande mídia, nas redes sociais, nos meios de comunicação em geral.

Grada Kilomba, teórica e artista portuguesa, utiliza o termo inveja racial para designar o desejo que os brancos têm em querer possuir características atrativas daqueles considerados como “Outros”. O ato do policial de lambe o olho verde de Esmeralda e possuir seu corpo através de um estupro é um exemplo dessa inveja. Segundo Kilomba:

Durante o colonialismo, o estupro racial e o linchamento eram os exemplos mais cruéis dessa inveja. O estupro, isto é, o ato de possuir e violar o corpo

da mulher *negra*, era prática comum, assim como o linchamento de homens *negros* acusados de terem tido relações sexuais com mulheres brancas ou de terem meramente falado com elas, assobiado, ou de terem tentado se aproximar delas. (KILOMBA, 2019, pg. 159).

Se durante o colonialismo essa inveja já era frequente, hoje ela ainda existe de forma tão agressiva como nos séculos passados. A inveja e o ódio formam uma dupla aliança que dizima milhares de negros no mundo a fora. Um exemplo desse ódio, advindo do racismo no conto, acontece quando, a todo o momento, os policiais chamam Esmeralda e Marina de “negras” e “sapatas” impulsionando a pejoratividade de tais nomes que o colonialismo moderno e antigo tanto propagam/propagaram, como no final do estupro em que eles dizem “Suas negras nojentas, sapatas filhas da puta, não gostaram? Vão reclamar no inferno!” (ALVES, 2011, p. 66).

Grada Kilomba fala que a palavra *N.* (negra) foi usada, no fim do século XVIII, para insultar as pessoas de cor negra e fazer com que surgissem sentimentos de inferioridade e submissão. Além disso, a teórica diz que o racismo está presente no discurso, e que a associação de palavras pejorativas ao termo “negro” o constitui como tal. Segundo a autora:

Nesse sentido, quando a palavra *N.* é proferida, a pessoa que o faz, não se refere somente à cor da pele *negra*, mas também à cadeia de termos associados à palavra em si: primitividade – animalidade – ignorância – preguiça – sujeira – caos, etc. Essa cadeia de equivalências define o racismo. (KILOMBA, 2019, p. 156-157).

No conto “Os olhos verdes de Esmeralda”, os enunciados “negra fedida” e “sapatas filhas da puta” (dito em dois momentos da narrativa) representam bem essa deslegitimação de identidades ao associá-las com nomes de carga pejorativa. Mesmo com alguns movimentos antirracismo e anti-homofobia tentando ressignificar alguns termos como “negro” ou “sapata”, boa parte da sociedade ainda vê/ouve/utiliza essas palavras no sentido pejorativo. Esses dizeres, como forma de atingir às minorias, é o que Grada Kilomba explica como a vontade do sujeito branco em querer reencenar um passado colonial. De acordo com a teórica:

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse imediatismo, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado. (KILOMBA, 2019, pg. 158).

Tendo em vista essa questão de passado e presente estarem relacionados ao sistema opressor, cenas como as vivenciadas pelas personagens do conto de Miriam Alves são semelhantes às cenas vivenciadas pelas mulheres escravizadas durante a colonização no

Brasil. No período colonial, mulheres escravizadas tinham corpos violados por homens brancos, como forma de puni-las ou como uma fonte sádica de diversão. O que difere da violência sofrida por Esmeralda e Marina é que seus agressores, os policiais, praticaram o estupro como forma de “corrigir” a orientação sexual das personagens, pois existe uma noção errônea de que a mulher “vira” lésbica, porque não manteve relações sexuais com um homem.

No que diz respeito ao estupro corretivo presente em “Os olhos verdes de Esmeralda”, a professora e pesquisadora Franciane Silva analisa em sua tese de doutorado *Corpos Dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras*¹ (2018), os casos de opressão vividos por Esmeralda e Marina, chamando atenção à masculinidade tóxica tão arraigada na sociedade, que promove a ideia de que a mulher lésbica precisa ser estuprada para se tornar uma mulher heterossexual, além de se atentar para a existência de uma hierarquia de poder nos policiais que dominam o corpo das personagens:

A violência abordada pelo conto nos permite afirmar que o sargento submete Esmeralda e Marina ao chamado “estupro corretivo”. O discurso do policial reforça o estereótipo de que a mulher lésbica é incapaz de sentir prazer sem a presença de um falo. O policial se auto-afirma através de uma masculinidade tóxica. É um homem que, como muitos outros, ostenta o pênis como o seu bem mais precioso. É como se o pênis fosse uma “entidade” à parte no corpo masculino. O homem que ostenta o falo é aquele que come. O sargento no exercício de sua autoridade ordena aos outros policiais que “comam”, pois ele já tinha comido. A fala do sargento suscita outra questão interessante: há um respeito à hierarquia no ato de violência praticado. O sargento que ocupa uma posição maior em relação aos outros dois policiais é o primeiro a “comer”, só depois dele se saciar é que os seus comparsas “comem as sobras”. Nessa atitude, o policial intenta reafirmar o seu poder em relação às mulheres, em relação aos homens, que são os seus subordinados, e, principalmente, em relação a si mesmo. (SILVA, 2018, p. 106).

A partir dessa análise acima, vemos como se consolida a organização do estupro coletivo e corretivo, tendo sempre a presença de um líder que dita as regras da violência que o grupo cometerá, e, mais que isso, motiva toda a sua equipe a praticar o ato. No conto o sargento (líder da guarnição) diz aos seus soldados “Comam também! Depois tem esta aí de sobremesa” como forma de estimular seus homens a prosseguirem com a violência. Com isso, a alta posição, como o cargo de sargento, é determinante para que policiais subordinados a ele obedeçam a qualquer tipo de ordem, inclusive a de não proteger a vida humana.

Racismo, lesbofobia e misoginia. Esses foram os eixos de opressão que desconfiguraram os corpos das personagens violentadas, e, mais que isso, o psicológico de todas elas. Para muitas mulheres que sofrem os horrores da violência policial, em suas mais

¹ SILVA, F. C. **Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras**. Tese (Tese em literatura) – PUC Minas: Belo Horizonte, 2018, 212 p.

diversificadas formas, é muito difícil prosseguir com as denúncias pois sabem que em muitos casos há todo um protecionismo que visa inocentar os policiais, seja através do forjamento de provas, seja através de ameaças para desencorajá-las de suas queixas.

Casos desse tipo estão presente também fora da ficção, um exemplo é o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, mulher negra, lésbica, defensora dos direitos humanos e da população LGBTQ+, assassinada por milicianos que discordavam do seu posicionamento político, e, mais que isso, da sua representatividade no âmbito político. Seu assassinato aconteceu no dia 14 de Março de 2018 e, até hoje, Março de 2020, o crime continua sendo investigado a fim de identificar e punir seus mandantes e executores.

A sociedade racista e patriarcal brasileira não aceita mulheres negras e lésbicas conquistando espaços de poder, e, com isso, a todo custo tenta silenciá-las. É preciso uma intervenção do Estado, através da criação de políticas públicas que considerem a existência dessas mulheres, estimulando sempre o respeito e a igualdade. Diversas pessoas pertencentes às minorias sociais precisam sair desse lugar de Outridade reconhecendo-se, primeiramente, como pertencentes desse espaço, e, depois lutando por seus direitos. Grada Kilomba afirma que “É o entendimento da própria marginalidade que cria a possibilidade de devir como um novo sujeito” (KILOMBA, 2019, p.69). Que sejamos sujeitos, não Outros!

1.2. Opressões atravessadas: violência de gênero e lesbofobia no conto “Beijo na face”.

A ocorrência da violência sofrida por mulheres negras em relacionamentos lésbicos está presente em outros contos da Literatura Afro-brasileira, como em “Beijo na face”, conto extraído do livro *Olhos D’água* (2016), de Conceição Evaristo. Nesse conto, a personagem principal, de nome Salinda, é uma mulher que trabalhava e vivia com o seu marido e filhos em um modelo de família heteronormativa. E, após aproximadamente doze anos nesse padrão de vida, a personagem passa a se relacionar secretamente com uma mulher, buscando estratégias para se encontrar sem ser flagrada pelo marido.

O companheiro de Salinda, que era altamente controlador, possessivo e agressivo, tentava a todo o momento vigiá-la com o intuito de descobrir se alguma traição seria cometida. Ele tinha alguns informantes secretos, além dos filhos que lhe diziam ingenuamente o que a mãe fazia quando ele não estava por perto. O seguinte trecho do conto elucida bem esse comportamento:

Além da ida ao trabalho, Salinda não podia sair só. Os filhos, sem saber, tinham sido transformados em vigias da mãe. A viagem de regresso, que ela

fez sozinha, foi controlada desde o momento em que deixou a casa da tia. No princípio, logo que começou a ser vigiada, chegou a pensar que estivesse sofrendo de mania de perseguição. Confirmou, porém, que estava sendo seguida, quando numa noite, o marido, julgando que ela estivesse dormindo, falava alto na sala ao lado, e sem querer ela ouviu todo o teor da conversa. Ele pedia notícias de todos os passos dela. (EVARISTO, 2016, p. 53).

Tal ação do marido, de vigilância constante sob a esposa, permeia todo o conto e vai criando uma tensão cada vez mais intensa. Se por um lado, Salinda temia ao marido, por outro ela sentia uma força muito grande para poder se encontrar com sua nova companheira. Esses encontros se davam pela madrugada na casa de sua tia Vandu, na cidade de Chã de Alegria. Salinda dizia ao esposo que viajaria com as crianças para tal local, e, dessa forma, se relacionava com sua nova namorada. Na seguinte passagem, podemos ver como a narradora, com muita sensibilidade, detalha a relação entre as duas mulheres:

Os toques aconteceram carregados de sutileza. Carinhos inicialmente experimentados apenas com as pontas dos dedos-desejos. Ela estava aprendendo um novo amor. Um amor que vivia e se fortalecia na espera do amanhã, que se fazia inesperadamente nas frinchas de um momento qualquer, que se revelava por um simples piscar de olhos, por um sorriso ensaiado na metade das bordas de um lábio, por um repetir constante do *eu te amo*, declaração feita, muitas vezes, em voz silenciosa, audível somente para dentro, fazendo com que o eco dessa fala se expandisse no interior mesmo do próprio declarante. (EVARISTO, 2016, p. 52).

A única pessoa que sabia desse relacionamento era a Tia Vandu, que era cúmplice da sobrinha e lhe dava todo o suporte para que os seus encontros se efetivassem. Nessas idas à casa da tia, o marido de Salinda começa a perceber que tem algo a mais, além das visitas, e, com isso passa a ameaçá-la de morte, deixando-a com medo e acuada com toda a situação.

Aos poucos, as ameaças feitas pelo marido, as mais diversas e cruéis foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez. Aprendera, desde então, certas artimanhas, sondava terreno, procurava saídas. Aos poucos, foi se fortalecendo, criando defesas, garantindo pelo menos seu espaço íntimo. (EVARISTO, 2016, p. 53).

É importante destacar que o relacionamento entre Salinda e o seu marido aconteceu quando ela ainda era adolescente, e depois de certo tempo o casal se separa. Nesse período, a personagem principal conhece outras pessoas, engravida de uma menina, e quando a criança completa 11 meses de vida, sua mãe retorna para o primeiro namorado, que assume o bebê e a engravida outras vezes. Esse homem, com o avançar dos anos, mostra seu lado agressivo (visto anteriormente) e também seu lado ciumento e controlador, como na passagem abaixo:

Havia uns cinco anos, desde que ele desconfiou dela com um colega de trabalho, um inferno na relação dos dois havia se instaurado. Das perguntas

maldosas feitas de maneira agressiva surgiu uma vigilância severa e constante, que se transformou em uma quase prisão domiciliar. Ela respondeu com um jogo aparentemente passivo. Fingiu ignorar. Era apenas uma estratégia de sobrevivência. Ensaiaava maneiras de se defender aguardando que as crianças crescessem um pouco mais. Quando foi iniciado o cárcere doméstico, a menina que ele havia assumido como filha desde os onze meses tinha treze anos. (EVARISTO, 2016, p. 55).

No final do conto, a tensão construída no decorrer da narrativa é quebrada quando o marido descobre o caso amoroso de Salinda com uma mulher. Algum dos seus informantes ficou sabendo do caso e lhe passou a informação. Sabendo disso, o esposo ligou para Salinda e ameaçou-a. Ele não a ameaçou de morte, mas ameaçou-lhe tirar o que pode ser mais precioso para uma mãe.

O telefone tocou. Levantou preparada, sabia que era ele. Do outro lado do fio, com uma voz forçosamente calma, o marido anunciou que já sabia de tudo. Perguntou se ela já havia esquecido que os olhos da noite podem não ser somente estrelas. Outros olhos existem; humanos vigiam. E riu debochando do descuido dela e da tia. Disse ainda que não queria vê-la nunca mais, mas era bom ela ir se preparando para uma guerra. Não ia matá-la. Não ia cometer suicídio. Mas ia disputar ferrenhamente os filhos. Ele queria os filhos, todos. (EVARISTO, 2016, p. 57).

Ao saber que o marido havia tido tal reação, Salinda sentiu-se aliviada por saber que sua vida não corria perigo, mas um desconsolo lhe aflige por saber que poderia se separar dos seus filhos. Uma outra guerra se travaria e a disputa pela guarda dos filhos seria mais uma batalha a ser enfrentada. O conto termina com uma mensagem de fortalecimento quando Salinda se olha no espelho e contempla a sua imagem e a de sua companheira.

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. (EVARISTO, 2016, p. 57).

Vejamos como a narrativa de Conceição Evaristo é permeada de uma poeticidade que torna sua escrita única. Comparar as personagens a aves que mergulham dentro das próprias profundezas é uma forma de mostrar como prisão e liberdade estão entrelaçadas na narrativa. Salinda e sua companheira quando estão juntas são livres, porém ficam restritas de mostrar sua relação publicamente. Elas transgridem as normas patriarcais, que reconhece apenas a existência do relacionamento afetivo heterossexual, e passam a viver secretamente até serem descobertas. É preciso destacar que a autora do conto descreve essa relação utilizando de recursos que revelam um erotismo através de muita sensibilidade.

Tendo em vista toda a problemática da violência contra mulher exposta no conto, podemos constatar que Salinda, passa a sofrer opressão primeiramente por ser do gênero feminino. Esse fator faz com que seu marido crie mecanismos controladores que inviabilizam seu direito de ir e vir impedindo-a de ser quem ela verdadeiramente é. A partir disso, viver sob vigilância requer certos cuidados que exigem da pessoa controlada comportamentos que o outro julga correto. O medo de não corresponder a esses comportamentos é o que faz as pessoas obedecerem ou transgredirem anonimamente para que o seu observador não tome ciência dos fatos.

Salinda era uma mulher que trabalhava, cuidava de casa e dos filhos, mas mesmo assim era vista com desconfiança, indiferença, era destrutada e ameaçada pelo marido que não enxergava suas qualidades. E, dessa forma, não reconhecer e desacreditar na força de uma mulher é uma das características do cisheteropatriarcado, que, baseado numa visão androcêntrica, insiste em colocá-las em lugares de inferioridade, e, em decorrência disso as violentam de diversas formas ao dizerem que não são capazes. Consoante a esta fala, Carla Akotirene diz que:

O androcentrismo da ciência moderna imputou às fêmeas o lugar social das mulheres, descritas como machos castrados, estereotipadas de fracas, mães compulsórias, assim como os pretos caracterizados de não humanos, macacos engaiolados pelo racismo epistêmico. (AKOTIRENE, 2019, p. 36-37)

Se dentro do mundo científico há todo um sistema racista e misógino, produzindo diversas epistemologias segregacionistas é porque na sociedade também existe a predominância desse discurso androcêntrico. Um cientista antes de ser cientista é cidadão dessa sociedade, o marido de Salinda antes de ser seu marido é também um cidadão dessa sociedade que compartilha de valores deturpados, de pensamentos e comportamentos coloniais que muito oprimem as mães, donas de casa, trabalhadoras, estudantes e/ou qualquer papel social que as mulheres almejem ter.

Percebemos através do conto “Beijo na Face” que há todo um ciclo da violência ao redor da personagem principal. Salinda é observada, vigiada, questionada e ameaçada de morte constantemente. Tudo isso vai configurando uma violência psicológica que pode impulsionar a mulher a denunciar o seu agressor. No conto, Salinda não denuncia seu esposo, e, levantando hipóteses, podemos supor que ela não o denunciou por medo, ou por não reconhecer que o que vivenciara era uma violência que configurava um crime, ou por desacreditar no sistema judiciário entre outras situações que levam milhares de mulheres a

não se protegerem juridicamente. Akotirene vem a dizer que a inoperância das delegacias é um dos fatores que dificultam esse acesso da mulher à reivindicação dos seus direitos.

...podemos exemplificar inúmeros expedientes continuativos dessa violência de gênero atravessada por raça – supostamente resolvida pelo Estado através do encarceramento – que se manifesta na inoperância das delegacias de atendimento à mulher aos sábados, domingos e feriados, nos horários noturnos e madrugada, períodos de maior ocorrência de violências contra as mulheres negras moradoras de bairros periféricos; redes de atendimento e centros de referência geralmente instalados longe dos territórios vulnerabilizados, em prejuízo às rotas feitas pelas vítimas em busca de apoio jurídico e suporte psicossocial. (AKOTIRENE, 2019, p. 68).

Toda essa problemática, em que se insere as redes de proteção à vida das mulheres, é um reflexo de que muita coisa deve ser melhorada. O Estado, na maioria das vezes, só intensifica as campanhas sobre violência contra a mulher no mês de Março ou quando há um caso que muito repercute na mídia. Essas campanhas, muitas vezes, não chegam ao conhecimento de mulheres como a personagem Salinda, que trabalham muito e não dispõem de tempo para ver as mídias digitais/televisivas e/ou são proibidas pelos maridos de assistirem, de ter um celular, internet etc. São mulheres, que em muitas situações, são ilhadas dentro da própria casa.

Outro fator que contribui para a não denúncia de mulheres a seus maridos agressores é a probabilidade de elas serem escarnecidas/desacreditadas pelas autoridades policiais que, em alguns casos, são dotadas de discursos/comportamentos machistas que não contribuem para a solução do caso. E em relação a esse pensamento, Akotirene diz que:

Além da violência atravessar raças, classes e gerações, as queixas de mulheres negras sofrem estigmatização pelos aparelhos do Estado, devido as mulheres negras serem moradoras de espaços considerados perigosos, identificados como pontos de tráfico de drogas pelas mídias televisivas. O machismo, além disto, propicia aos agressores de mulheres, delegados, juízes e ativistas dos direitos humanos, o encontro de iguais, porque a polícia que mata os homens no espaço público é a mesma que deixa mulheres morrerem dentro de suas casas – o desprestígio das lágrimas de mulheres negras invalida o pedido de socorro político, epistemológico e policial. (AKOTIRENE, 2019, p. 69)

Esse encontro de iguais, apontado por Carla Akotirene, é o que leva toda a descrença das mulheres na polícia e em autoridades jurídicas que deveriam lhes proteger. A violência de gênero é uma das formas de opressão do cisheteropatriarcado, mas não é só esta que é executada. No conto “Beijo na face” a violência de gênero sofrida por Salinda passa a se tornar uma violência de cunho lesbofóbico a partir do momento em que o marido descobre o caso de sua esposa com uma outra mulher.

O pai ameaçar tirar os filhos de uma mãe que agora tem um relacionamento lésbico supõe mais do que um comportamento de fúria por saber da traição cometida. Supõe que retirar os filhos do ambiente de uma mãe lésbica é uma forma de “proteger a infância” de suas crianças que não devem presenciar cenas de afeto lesboafetivo, pois poderão ser influenciadas a se tornarem lésbicas ou gays. Esse pensamento preconceituoso e de cunho homofóbico/lesbofóbico é fruto de uma construção social contaminada por uma cultura hipócrita e conservadora. Além disso, há uma ideia entre as pessoas preconceituosas, de que o afeto entre pessoas da comunidade LGBTQ+ representa encenações pornográficas, seja um beijo em público, um abraço ou simplesmente um andar de mãos dadas. De tal modo, comportamentos aceitos sem grandes questionamentos entre os casais heterossexuais são condenados de maneira enfática se praticados por pessoas LGBTQ+.

Tendo vista que um relacionamento entre iguais não deve ser visto fora da linha da normalidade, é interessante pensar em como a construção da relação lesboafetiva entre Salinda e sua parceira é marcada por um companheirismo repleto de amor, paixão e respeito, e, conseqüentemente, se distingue da relação entre Salinda e o marido possessivo. A cena final do conto em que Salinda olha para o espelho se vê e ao mesmo tempo vê sua companheira “com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça” (EVARISTO, 2016, pg. 57) é um dos exemplos de que mulheres negras juntas reúnem uma força capaz de enfrentar todas as opressões de gênero, orientação sexual e raça que tanto lhes afligem. O uso dos dreads remete a um poder ancestral, que para Grada Kilomba demonstra uma mensagem de fortalecimento.

Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam a posição de mulheres *negras* em relação a “raça”, gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo – pergunte a Angela Davis! (KILOMBA, 2019, p. 127).

A noção de fortalecimento construída por Conceição Evaristo acontece com o intuito de mostrar a mulher negra e toda sua garra na luta por autoafirmação enquanto sujeito. Silva & Pereira (2017)² ao analisarem a escrevivência homocultural no conto “Beijo na Face” apontam também a questão da dignificação do corpo da personagem Salinda e as descobertas que esses corpos vão mostrando no decorrer do conto.

Nele, Evaristo não apenas dá voz a Salinda – uma mulher negra que se vê apaixonada por outra mulher, também negra –: ela a dignifica. Corpos, como

² SILVA, Elisabete; PEREIRA, André. Escre(Vivência) Homocultural no conto ‘Beijo Na Face’, de Conceição Evaristo. In: V Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidade, 2017, Salvador. Anais Enlaçando: Editora Realize, 2017. P. 1-6.

o da personagem, que antes, quando citados, eram colocados sempre à satisfação do outro, e quase nunca de si mesmos, passam a descobrir-se. E, ao descobrir-se, também revelam as múltiplas possibilidades de vivenciar e expressar as sexualidades, os desejos, os afetos. (SILVA & PEREIRA, 2017, p. 04).

Todas essas descobertas vivenciadas por Salinda são formas de mostrar aos leitores do conto, de que o que acontece com a personagem também é algo presente na sociedade. Mulheres, mães, donas de casas e/ou trabalhadoras que depois de certo tempo se abrem a novas experiências e descobrem múltiplas. E dessa forma, enfrentam as opressões patriarcais que insistem em colocá-las num padrão único sobre o que é ser mulher.

1.3. Entre o beijo de Salinda e os olhos verdes de Esmeralda: violências entrecruzadas

Tendo em vista toda a discussão aqui apresentada sobre as opressões de raça, gênero, orientação sexual e classe social nos contos, julgamos necessário estabelecer conexões a fim de percebermos como essas opressões dialogam nos escritos de Conceição Evaristo e Miriam Alves. Veremos que as personagens lésbicas/bissexuais são atropeladas nos cruzamentos das avenidas identitárias de diferentes formas, mas não pretendemos, de nenhuma forma, medir dores e, conseqüentemente, dizer quem sofreu mais. Para estudos envolvendo a interseccionalidade o que importa é saber quais condições levam às minorias a sofrerem com a opressão cotidiana. Consoante a tal discussão, Akotirene afirma que:

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão sob a forma da identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (AKOTIRENE, 2019, p. 43-44).

Entendendo que essas marcações identitárias existem de várias formas, é importante destacarmos que nos contos “Beijo na Face” e “Os olhos verdes de Esmeralda” temos duas personagens centrais que se assemelham em relação aos marcadores raça, gênero e orientação sexual. Esmeralda, lésbica, cor de “ocre amainado” e Salinda, mulher, negra e agora vivendo um relacionamento homoafetivo, portanto, configurando-se como mulher lésbica.

É interessante destacarmos que em nenhum dos contos a pobreza se faz presente como algo inerente à narrativa. Conceição Evaristo, que denuncia esse problema em vários contos do livro *Olhos d'água*, agora se volta a uma problemática que também é importante ser

mostrada: a violência contra a mulher, mãe e lésbica. Miriam Alves, por sua vez, mostra personagens de classe economicamente favorecida, e que se preocupam não em ter um prato de comida na mesa, mas em não serem assediadas pelos parentes, nem terem sua orientação sexual descobertas para não sofrerem a violência homofóbica. Tanto Esmeralda como Salinda trabalhavam, tinham sua fonte de renda, cuidavam de si ou dos filhos, mas foram violentadas no campo físico e/ou verbal por homens que se sentiam no direito de tocá-las/ofendê-las.

A diferença entre essas violências foi a forma como tais personagens reagiram ao que sofreram. Esmeralda e Marina, estupradas e agredidas pela polícia, terminam o conto desesperançosas, “desamparadas”, “sem reação” e “compartilhavam angústias e revoltas perante tudo” (ALVES, 2011, p. 66), enquanto Salinda, após sofrer várias ameaças do marido, recorre aos campos da memória, se recorda da sua companheira, se lembra do beijo na face, vê a fisionomia da amada no espelho, e assim, vai recuperando sua força para lutar por outra batalha: a guarda dos filhos.

É muito importante também destacar a desesperança das personagens em relação à justiça que deveria lhes proteger. Salinda, mesmo com as ameaças do marido não o denuncia por medo, Esmeralda e Marina recorrem à justiça, mas fica claro no final do conto que provavelmente o caso delas não será resolvido tendo em vista “um processo correndo sem testemunhas” (ALVES, 2011, p. 66). Todas essas mulheres possivelmente veriam/viram suas reivindicações sendo desmerecidas ou descreditadas, pois segundo Akotirene:

O Direito tem sua dinâmica interseccional, misoginias e racismos institucionais e dá conta dos mesmos recursos administrativos responsáveis por obstruir às mulheres negras o direito de registrarem queixas, levando em conta discursos prévios de mulheres fáceis raivosas, perigosas, sexualmente disponíveis. (AKOTIRENE, 2019, p. 71).

Considerando a fala de Akotirene, surgem alguns questionamentos que estimulam uma reflexão maior acerca das opressões enraizadas no Direito. Qual a probabilidade de Salinda ouvir de algum delegado que a culpa das ameaças sofridas pelo marido estar era unicamente dela? Qual a probabilidade de Esmeralda e Marina ouvirem de algum advogado que não valeria a pena prosseguir com o caso, tendo em vista que a acusação é contra a polícia e que não havia testemunhas? O que garante dizer que essas mulheres, assim como tantas outras no Brasil a fora, não teriam suas queixas deslegitimadas tendo em vista toda essa dinâmica interseccional racista e misógina, apontada por Akotirene, no âmbito jurídico? São situações que por mais difícil de acontecer, acabam se concretizando, não sendo algo distante da realidade.

Em relação às opressões de raça, percebemos que no conto “Beijo na Face” a personagem Salinda não sofre essa violência diretamente. Diferentemente do que ocorre com as personagens Esmeralda e Marina, brutalmente violentadas pelos policiais que as chamam de “negras nojentas”, além de agredi-las fisicamente. Essa atitude dos policiais é explicada por Grada Kilomba ao afirmar que o sujeito branco teme reconhecer características negativas em si, projetando-as assim para aqueles considerados Outros. Daí que ser nojento, para os brancos racistas, é algo tipicamente do negro. E complementando o que foi dito, a teórica também afirma que:

No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como o objeto “ruim”, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável – permitindo a branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa. (KILOMBA, 2019, p. 37).

Como dito na citação acima, a sexualidade é um dos fatores que a sociedade branca repudia e atribui ao negro como algo negativo, e, dessa forma, vão se construindo pensamentos homofóbicos e racistas que atingem não só a população de mulheres cis lésbicas de cor negra, como também as mulheres trans de mesma cor de pele. Além do mais, o aspecto de sujeira é uma outra projeção do branco em cima da pessoa negra, aspecto esse que há tantos anos perdura o discurso do racismo. O “negras fedidas” é só um recorte do que foi o período colonial, que nos deixou heranças tão dolorosas e longevas como essa.

Em relação ao marcador orientação sexual nos contos analisados, o que impulsiona uma agressão maior por parte dos homens violentadores é o fato de eles descobrirem que as mulheres possuem relacionamento lésbico. É inconcebível para uma tropa policial ver mulheres como Esmeralda e Marina trocando carícias, é inconcebível para o marido de Salinda ver seus filhos criados com a mãe que agora se relaciona com outra mulher. Tudo isso mostra como é incômodo para um sujeito homem heterossexual ver mulheres usufruindo da liberdade para compartilhar prazeres, emoções e vivências que muitos deles não conseguem compartilhar, pois pensam que um relacionamento entre homem e mulher só se resume a sexo, interesse financeiro e subserviência feminina.

Finalizando a análise aqui produzida, afirmamos que os contos “Os olhos verdes de Esmeralda” e “Beijo na Face” nos ofereceram um recorte muito significativo para concluirmos que as opressões sofridas por mulheres negras e lésbicas acontecem nos muitos cruzamento de avenidas identitárias, tendo em vista que o cisheteropatriarcado está a todo

momento disposto a atropelá-las não acidentalmente, mas de forma proposital. Salinda, Marina e Esmeralda foram personagens que apesar das feridas físicas e psicológicas conseguiram sobreviver, umas com sequelas, outras com disposição para lutar. Porém, ambas desacreditadas do sistema jurídico, que em muitos casos deslegitima os seus discursos, as inviabilizando de reivindicarem seus direitos como medidas protetivas e prisões preventivas de seus agressores. É certo afirmar que entre o olhar de Esmeralda e o beijo de Salinda há uma força que resiste à matriz de opressão colonial e as fazem prosseguir com a vida, mesmo que suas memórias ainda relembrem os traumas provocados por seus opressores.

2. CAPÍTULO II

Vivemos em uma sociedade marcada pela predominância de desigualdades sociais que circundam os diferentes grupos minoritários. Quem detém dinheiro e poder nada faz para reverter esta situação, e, quem vive nessa dura realidade espera soluções, medidas dos governantes que, por vezes, parecem nunca se importar. Um exemplo desse descaso, é a desigualdade salarial que existe entre homens e mulheres no Brasil. E, segundo *dados do IBGE*³, as mulheres negras são o grupo mais afetado, pois ganham menos da metade do salário dos homens brancos (44,4%), grupo que detém a maior renda salarial no país.

Cientes dessa informação, a análise interseccional que iremos realizar nos contos deste capítulo foca muito na realidade de mulheres negras que trabalham, são mães, planejam uma vida melhor para si ou para os filhos, mas vivem em situação de desigualdade, de total desprivilegio, de não reconhecimento e de abandono de pessoas que vivem ao seu redor. Esse abandono, por vezes, reflete a ausência do Estado em não socorrer ou dar suporte para tais mulheres que são logo jogadas no lugar da Outridade. Um lugar que as tornam invisíveis, silenciadas, incapazes de reagir, questionar e/ou perceberem algum tipo de opressão.

2.1. Pelas ruas e vielas: as múltiplas facetas da violência no conto “Maria”

No primeiro conto aqui analisado, intitulado “Maria”, de autoria de Conceição Evaristo, a personagem principal é uma mulher negra atingida, de diversas formas, por um sistema colonial que insiste em exterminar sua existência, não dando a chance de ela ter as condições mínimas para viver com dignidade. Na narrativa, a protagonista de nome Maria é uma trabalhadora doméstica que luta diariamente para cuidar sozinha dos seus filhos, enfrentando todos os dias as dificuldades de pessoas que, assim como ela, são corpos marginalizados na sociedade.

Percebe-se, logo no início do conto, que Maria ganha de seus patrões uns restos de comida e uma gorjeta. Dando a entender que a mulher não tinha direitos trabalhistas e sobrevivia ganhando o mínimo para não se morrer de fome. Vale destacar que o mínimo em questão não é referente ao salário mínimo, mas às migalhas que se ganha através de um trabalho que não é valorizado. Para se ter uma noção, a “gorjeta” ganhada pela personagem é

³ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro. 2019. 12 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em 25 Jan. 2020.

o suficiente apenas para ela comprar remédios para seus filhos gripados e uma lata de Toddy, como podemos ver em seguida:

No dia anterior, no domingo, havia tido uma festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. (EVARISTO, 2016, p. 39)

Vivendo com recursos financeiros escassos, Maria utilizava o transporte público para se deslocar de casa para o trabalho e vice-versa. Numa das suas voltas para casa, a personagem principal encontra o pai do seu primeiro filho no ônibus. Eles já haviam se separado, porém, conversaram tranquilamente no banco da frente do veículo. O homem pergunta pelo filho e diz que sente saudades de viver com Maria. Antes de se despedir de Maria, o homem mandou um recado: “um abraço, um beijo, um carinho no filho”. (EVARISTO, 2016, p. 41). Depois de deixar o recado, inesperadamente, o ex-companheiro de Maria saca uma arma e anuncia um assalto:

[Ele] levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. (EVARISTO, 2016, p. 41).

O medo de Maria não cessa nem quando o assalto é finalizado. Os passageiros do ônibus se indignam por ela ter conversado com o assaltante e não ter tido seus pertences levados. Numa reviravolta da narrativa, Maria é culpada pelos passageiros de ser comparsa dos assaltantes e, a partir daí, a personagem passa a ser vítima de sucessivas violências. A violência contra a mulher indefesa cresce gradativamente. Como podemos ver no trecho abaixo destacado:

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com ladrões. Foi a única a não ser assaltada. (EVARISTO, 2016, p. 42).

Enfurecidos, os passageiros culpam Maria por todo o transtorno causado pelos assaltantes. A mulher ansiosa para chegar em casa, descansar e ver os filhos passa a ser ameaçada, julgada, insultada. Revoltados, os passageiros decidem fazer justiça com as próprias mãos.

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria dizer ao filho que o pai havia mandado um beijo, um abraço, um carinho. (EVARISTO, 2016, pg. 42)

Considerando o que foi exposto no conto “Maria”, o primeiro fator que está interligado com as opressões de gênero, cor/raça, classe social, e, que podemos observar é a questão da exploração do trabalho doméstico, e, conseguinte, a falta de valorização desse trabalho por parte dos patrões empregadores de Maria. Como visto anteriormente, a personagem vive dos restos de comida que lhe são dados e das gorjetas que substituem o salário que deveria ser ganho. Carla Akotirene em conformidade com o pensamento de Sojourner Truth, afirma que o marcador identitário raça é um dos fatores que contribuem para esse pensamento que enxerga as mulheres negras como animais, e por vezes, também as infantilizam. Como diz a teórica baiana:

Raça impõe à mulher negra a experiência de burro de carga da patroa e do marido. Para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração, infantil, porque deve fazer o que ambos – marido e patroa – querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica. Independentemente da idade o racismo infantiliza as mulheres negras. Velhice é como a raça é vivida; e classe-raça cruza gerações, envelhecendo mulheres negras antes do tempo. (AKOTIRENE, 2019, pg. 26-27)

Se para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar é porque as oportunidades não lhes são dadas. E, além disso, quanto mais a idade avança, mais é perceptível que mulheres, assim como Maria, não tenham chances de entrarem no mercado de trabalho, restando a muitas delas empregos de subserviência aos brancos ricos que as exploram ao máximo, remetendo, em alguns casos, situações de trabalho análogas à escravidão.

Essas mulheres com todo o seu esforço lutam para que seus filhos tenham um futuro digno, e, não passem as mesmas situações vexatórias e humilhantes a que estão vivendo. No conto de Conceição Evaristo, há uma voz contrária aos medos mais comuns presentes na

sociedade. A personagem Maria, por exemplo, não tem medo da morte, mas sim da vida. Maria tem medo que seus filhos tenham o mesmo destino que o seu ex-companheiro, um assaltante de ônibus, que armado coage as pessoas a entregarem seus pertences sob ameaça de morte. Esse medo que muitas mães adquirem ao temer o futuro dos filhos, é o medo de vê-los não só entrando no mundo do crime, mas de perdê-los também para a necropolítica⁴, um tipo de política que utiliza o assassinato/morte como medida mais eficaz na suposta guerra às drogas. Essa política é a mesma que mata centenas de vidas negras inocentes todos os anos em comunidades periféricas. Ao falar sobre essa questão, Carla Akotirene é categórica ao dizer que:

Enquanto mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas, que confessional e militarmente matam e deixam morrer, contrariando o discurso cristão elitista-branco de valorização da vida e contra o aborto – que é um direito reprodutivo. (AKOTIRENE, 2019, p. 22)

A ligação afetiva que Maria tinha com os filhos, e, a sua dedicação para que eles progredissem na vida e tivessem um futuro digno é muito notável. Quando seu ex-companheiro anuncia o assalto, a primeira coisa que Maria pensa é no futuro dos filhos. Depois, quando ela é brutalmente agredida pelos passageiros do ônibus, seu último pensamento antes da morte é de o transmitir a mensagem do pai ao filho mais velho, no conto a narradora diz que “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.” (EVARISTO, 2016, p.42). Na ficção e na realidade, muitas mães negras estão sempre carregando um choro ancestral por causa das opressões coloniais que dizimam seus descendentes, que vieram ao mundo para viver dignamente e mal conseguem sobreviver.

Vemos também no conto “Maria”, de forma bastante explícita, a concretização do racismo verbalmente e fisicamente. A personagem principal da narrativa é chamada duas vezes de “negra safada” pelos passageiros, e também de “negra atrevida”. Essa associação de palavras de cunho pejorativo ao sujeito negro é o que Grada Kilomba vem a definir como uma das características do racismo chamada *construção da diferença*, em que o negro é visto como diferente porque o tornaram como diferente. É através desse processo que muitas pessoas

⁴ O termo necropolítica surgiu com o teórico camaronense Achille Mbembe no ano de 2003 em estudos que questionavam os limites da soberania do Estado em relação a interrupção ou não das vidas humanas. Se contrapondo ao conceito de biopolítica utilizado por Foucault, Mbembe utiliza do conceito da necropolítica e necropoder: “para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2016, p. 146)

negras são vistas com tantas qualidades ruins, pois como estão em um espaço de Outridade não merecem ser respeitadas ou vistas como igualmente capazes. Kilomba afirma ainda que outra característica do racismo é a inseparabilidade das diferenças aos valores hierárquicos. De acordo com a teórica portuguesa:

Não só o indivíduo é visto como diferente, mas essa diferença é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade. Tais valores hierárquicos implicam um processo de naturalização, pois são aplicados a todos os membros do mesmo grupo que chegam a ser vistas/os como “a/o problemática/o”, “a/o difícil”, “a/o perigosa/o”, “a/o preguiçosa/o”, “a/o exótica/o”, “a/o colorido” e “a/o incomum”. Esses dois últimos processos – a construção da diferença e sua associação com uma hierarquia – formam o que também é chamado de preconceito. (KILOMBA, 2019, p. 75-76).

Percebemos que na narrativa de Conceição Evaristo, esses valores hierárquicos, que trazem um processo de naturalização de termos pejorativos dados aos negros, estão tão arraigados na sociedade, que ninguém, durante a violência contra Maria, se opôs aos insultos racistas que ela sofreu. Algumas pessoas a defenderam da acusação de roubo, mas não dos insultos racistas. Não houve uma única voz que impusesse aos agressores um respeito à mulher negra ali imobilizada e impedida de se defender. Vale destacar que a violência de gênero também foi explicitada quando os passageiros a chamaram de “puta” em dois momentos da narrativa. No trecho abaixo do conto é possível termos uma noção de como a violência de gênero e raça se interseccionam no conto:

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!*... uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. (EVARISTO, 2016, p. 42)

Vejamos que o racismo em evidência não só vem através de insultos, configurando assim uma violência simbólica, mas, também, através de agressões que corroboram para uma violência física. Considerando o fato de que as agressões foram direcionadas a um corpo feminino negro, Grada Kilomba e outras teóricas do feminismo negro, chamado de racismo genderizado. Que acontece quando há uma intersecção de raça e gênero nas opressões sofridas por mulheres negras.

Nesse sentido, o impacto simultâneo da opressão racial e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres *negras* e outras mulheres racializadas. Suas manifestações, explica Philomena Essed, se sobrepõe a algumas formas de sexismo contra mulheres *brancas* e racismo contra homens *negros*. Portanto, é útil falar em *racismo* genderizado (Essed, 1991, p. 30) para se referir à opressão racial sofrida por mulheres

negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero. (KILOMBA, 2019, pg. 99)

Uma das tantas provas de que o racismo genderizado está presente no conto é o termo “negra safada”, dito pelos passageiros, que não fere só a raça da personagem, mas também o gênero feminino, agora qualificado como elemento de prazer sexual, da lascívia propriamente dita. Ainda nesse estudo de opressões vemos que a violência de gênero é também cometida pelos pais dos filhos de Maria, pois a abandonam, deixando-a sozinha para cuidar dos seus filhos. Esse tipo de abandono, que é uma realidade constante no Brasil, é também um exemplo de como a sociedade patriarcal enxerga as mulheres como mães protetoras, fortes, guerreiras, usando isso como pretexto para desprezá-las em situações em que elas precisam de muito apoio moral, emocional e/ou financeiro.

É interessante destacarmos a escolha do nome da personagem principal pela autora. Ao utilizar o nome “Maria” é possível que o leitor se remeta a personagens bíblicas como Maria de Nazaré ou Maria Madalena, mulheres que em seus tempos viveram também as dores das opressões de gênero. Em um estudo sobre a subalternização feminina no livro *Olhos D’água*, Rodrigues & Almeida (2018)⁵ atentam ao fato de o conto aqui em evidência poder ter um aspecto de releitura bíblica, como podemos ver em suas análises:

A história bíblica é atualizada por meio dessa tragédia urbana, porém os desfechos são invertidos, pois a mãe é açoitada, abandonada pelos “ladrões” e deixa os filhos aos “descuidados” da humanidade. (RODRIGUES & ALMEIDA, 2018, p. 9)

As estudiosas Rodrigues & Almeida (2018) também atentam ao fato, que aqui já foi apontado, do abandono parental por parte do pai, e, interligando com o fator classe social acrescentam que tal realidade é mais comum em regiões vulneráveis socialmente. Na concepção das pesquisadoras:

Além de representar os negros e pobres, Maria simboliza as mulheres que têm filhos de pais diferentes, realidade que caracteriza, sobretudo, regiões de maior vulnerabilidade social, logo, territórios onde, marginalizadas, são condenadas a cuidarem sozinhas dos filhos, pois culturalmente, isto é, de responsabilidade das mães. (RODRIGUES & ALMEIDA, 2018, p. 8)

A representação de Maria às mulheres negras e pobres que cuidam sozinhas de seus filhos é uma realidade que existe e muitos insistem em não enxergar. Segundo a 4ª edição da pesquisa *Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça*⁶, publicada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2011, as famílias chefiadas por mulheres somavam 35,2%

⁵ RODRIGUES, Ana Caroline; ALMEIDA, Maria Aparecida. Recortes Da Subalternização Feminina Em Olhos D’água De Conceição Evaristo. In: XIII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 2018, Campina Grande. Anais XIII CONAGES: Editora Realize, 2018. P. 1-11.

⁶ IPEA. Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça. 4. ed. Brasília: 2011

em 2009, o que totalizava 21,7 milhões de famílias. Além desses dados, a pesquisa mostrou que famílias comandadas por mulheres negras obtinham uma renda mensal muito inferior à das famílias comandadas por homens brancos. Como podemos ler abaixo:

Os dados de rendimento, por exemplo, mostram que a renda domiciliar per capita média de uma família chefiada por um homem branco é de R\$ 997, ao passo que a renda média numa família chefiada por uma mulher negra é de apenas de R\$ 491. Do mesmo modo, enquanto 69% das famílias chefiadas por mulheres negras ganham até um salário mínimo, este percentual cai para 41% quando se trata de famílias chefiadas por homens brancos. (IPEA, 2011, p. 19)

Através desse recorte de gênero, cor/raça e classe social podemos ver que a realidade de mulheres negras que vivem abaixo da linha da pobreza é tão dura que beira a condições desumanas, podendo essas condições oprimirem tais mulheres até casos em que suas vidas corram um risco eminente de morte.

2.2. Esquecida na beira do caminho: o abandono da mulher negra no conto “Cinco cartas para Rael”

Um pouco diferente das opressões expostas em “Maria”, mas semelhante em algumas situações, o segundo conto que analisaremos neste capítulo é a narrativa “Cinco cartas para Rael”, de autoria de Miriam Alves. O texto de Alves conta a história de uma narradora-personagem, sem um nome revelado, que depois de abandonada pelo companheiro Rael, cria o hábito de lhe escrever cartas. Nas correspondências, a narradora revela fatos sobre a sua vida, lamenta o final do relacionamento, denuncia abusos do companheiro como, por exemplo, o fato dele não reconhecê-la publicamente como namorada, como será mostrado posteriormente.

De início, é importante entendermos que Rael é um homem negro, psicólogo, estudado, que sempre busca ascender no meio profissional em que está inserido. Ele é tão focado na profissão que faz de tudo para ter uma posição de respeito. Por outro lado, a personagem que narra o conto e se relaciona com Rael é uma mulher negra que trabalha como secretária em um escritório de advocacia, exercendo nas horas vagas o ofício de fotógrafa. Com essas primeiras informações, notamos que há uma diferença de posições sociais entre as personagens que muito repercute na narrativa.

Rael, por ser um psicólogo em busca do sucesso, não assume seu relacionamento com a narradora-personagem, pelo fato de ela não estar em uma posição de prestígio social e pelo fato de ela ser negra. Em contrapartida, o homem passa a se relacionar com Marli, uma

psicóloga de cor branca que conheceu em um curso de especialização na França. Tal relacionamento, é visto pela narradora como uma certa fúria e revolta, pois, para ela, Marli tinha “O ar superior, arrogante, paternalista, dona da verdade” (ALVES, 2011, p. 75), e, além disso, representava para Rael “a escalada louca da ascensão” (ALVES, 2011, p. 68).

No decorrer do conto, vai sendo revelada a situação em que vive tanto a narradora como Rael. São posições desiguais que estão entrelaçadas a situações diferentemente vividas por ambos. Ele muito preocupado em se profissionalizar, conquistar clientes através da qualidade do seu profissionalismo, e a sua ex-companheira trabalhando como secretária, sofrendo assédio moral e sexual do patrão branco como mostrado abaixo:

É a vida! Você quer ampliar seu consultório. Largar o emprego de quatro horas no Estado, ser independente, dedicar-se com exclusividade à clientela irregular, diminuta de tempos em tempos, deixando-o em apuros com as contas. Eu quero ser fotógrafa artística, revelar o mundo segundo minha lente objetiva. Tenho, talvez por muito tempo, que ouvir os desaforos daquele barrigudo do meu chefe. Nojento, acha que mulher, principalmente mulher negra, está à disposição dos seus arroubos lascivos. Já aprontou boas. É desrespeito em cima de desrespeito. Só falta cantar: *Aí, meu Deus, que bom seria se voltasse à escravidão/ eu pegava está mulata e prendia...* Convenhamos, seria o coroamento do desacato. Tentou agarrar-me à força. Vou fingindo que não vejo. Desvencilhando-me da menor maneira. (ALVES, 2011, p. 71)

Percebemos que o assédio mostrado no trecho acima é um evidente exemplo de reencenação de um passado escravocrata, pois é sabido que situações semelhantes afligiam mulheres negras escravizadas não só dentro da senzala como na casa grande. Patrões brancos assediavam e violavam corpos negros quando bem pretendiam. Algo não muito distante da realidade atual.

Indo mais adiante, a ex-companheira de Rael, por vezes, mostra uma visão pessimista em relação aos dois, chegando a denominar a si mesma e ao antigo namorado de covardes, pois eles tinham medo de perder o emprego que trabalhavam por não ceder às vontades internas. Rael poderia assumi-la como namorada, mas tinha vergonha e corria o risco de perder a popularidade/prestígio entre as pessoas do seu círculo profissional, haja vista que a mulher não tinha um cargo à altura do dele. Já a mulher trabalhava em uma empresa onde sofria violência psicológica e sexual, mas tinha medo de dizer não ao chefe abusivo para não ficar desempregada. Como conclusão errônea, ela chega a denominar a si mesma de covarde por não saber contornar a situação que vivia, e, além disso, atribui tal característica a Rael pelo medo que este tinha de perder o emprego.

Somos uns covardes! Covardes. Agora, posso dizer. Tenho a distância e o papel e não haverá interrupções. Covardes, fazendo pose de independentes. Talvez, a dificuldade enfrentada para galgar degraus de madeira, a vencer

poucas das muitas barreiras impostas à nossa existência. O medo de perder esta miséria de emprego e oportunidades nos tornou covardes. Solitários covardes! Batalhadores egoístas. Convencendo-nos dia a dia, para não soltar estas migalhas. (ALVES, 2011, p. 71)

Mesmo cultivando um crescente ressentimento em relação a Rael, a personagem-narradora continua escrevendo-lhe cartas. E, dentre essas, há uma em que ela relata o encontro dos dois em uma festa onde fazia trabalhos como fotógrafa. Como o evento era de um amigo em comum entre ela e Rael, houve um encontro dos dois que acabaram conversando, e depois, se relacionando sexualmente fora de tal ambiente. Segundo a fotógrafa, o momento em que passaram juntos “Foi lindo! Sons alucinantes. As cores do universo fazendo-nos companhia” (ALVES, 2011, pg. 74).

Certo tempo depois, Rael responde à mulher com quem se envolvera dizendo-a para aceitar o fim do relacionamento e que seria melhor eles serem apenas amigos. A mulher percebe que o que estava posto nos escritos não era simplesmente um término, mas uma exclusão que se firmava no preconceito, no desprezo de uma pessoa que julgava ter uma namorada/esposa negra como sinal de insucesso ou fracasso. Por sua vez, a fotógrafa responde-o dizendo:

Rael, sua carta, mar de reticências, metáforas e fábulas para culminar na proposta que, no mínimo, não faria bem a nenhum de nós. Sublimar Marli Novaes não lhe fez nada de bem. Sabe disso. Chega de sublimar ações. Por favor, chega! Estou cheia de você. Cheia de mim. Quero-o verdadeiro. Impossível, tem caiação demais na sua personalidade. Tenho certeza demais na minha. O que irão dizer seus amigos e clientes ao vê-lo entrar de braços comigo nalguma destas reuniões chatas? O que irão dizer? O psicólogo negro caído por alguma mulher que só fez o curso de secretariado e mal fala algumas palavras em inglês. Irão, certamente, perguntar da Marli. E você pensará na sua loirinha erudita sozinha na França. O cartão postal de sua ascensão.” (ALVES, 2011, pg. 76)

Após quatro meses em que o término definitivo aconteceu, a narradora do conto escreve uma carta para Rael informando que estava crescendo profissionalmente, se tornando uma intelectual e recebendo convites para apresentar seus trabalhos artísticos em exposições de fotografias. O convite para o evento foi oferecido por Armando, um amigo em comum entre ela e Rael que era bastante influente na região. Além disso, a mulher revela ao antigo namorado que estava grávida de quatro meses e que não pretendia esconder mais a gravidez dele.

Andei pelo apartamento enrolada na toalha. Abaixei a cabeça. Debrucei-me na mesa. Olhei minha barriga, estava crescendo. Não poderia mais esconder a gravidez. São decisões a tomar na vida. Você foi embora. Algo seu ficou aqui. Não sabia disso? Tive vontade de recuperar todas as cartas que lhe enviei, queimá-las. E, se caso tiver coragem de colocar esta no correio, correr atrás do carteiro e assalta-lo, pegar de volta os meus segredos.

Passado! Tudo passado. Lembranças. Tenho seu filho. Você, as cartas guardadas na sua caixa de totens. Gosta de guardar lembranças concretas. Suga as emoções e preserva-se ileso, intacto, alisando o totem das lembranças. Você é colecionador. Inutilidades, tudo inutilidades. (ALVES, 2011, p. 78).

Sabendo-se de todas as situações apresentadas no conto, é fato constatar que a violência de gênero, de raça e de classe perpassam toda a narrativa. O abandono da mulher negra é uma das consequências dessas violências que insistem em categorizá-las como não competentes ou inferiores aos homens, e que, portanto, merecem ser tratadas com o desprezo. Rael não enxerga na sua companheira negra a capacidade de ela progredir na vida. Para ele, a mulher não passa de uma secretária ou uma fotógrafa amadora. Esse tipo de pensamento é o que Grada Kilomba vem a criticar, pois o sujeito negro nunca é reconhecido por seus talentos e capacidades, mas sempre lembrado pelo lado corpóreo ou estúpido.

Consequentemente, a *negritude* é sempre “algo à parte”. Sua pele é simultaneamente descrita como primária e acessória. Alguém é *negra/o*, “mas” não é. Uma pessoa é *negra* quando vem a ser a representação do que é corpóreo, mas não se é *negra/o* quando se trata do intelecto. Uma pessoa é *negra* quando se trata da incorporação da estupidez, mas não se é *negra/o* quando se trata da incorporação da sabedoria. Uma pessoa é *negra* quando se trata da incorporação do que é negativo, mas pode ser igualmente branca quando se trata da incorporação do que é positivo. (KILOMBA, 2019, pg. 177).

Vemos que, no conto, Rael é um sujeito negro, mas pensa como um indivíduo branco. A todo momento ele quer se adequar a uma realidade de pessoas brancas para se sentir aceito em seu círculo social. Em relação a esse fenômeno, Sueli Carneiro⁷, filósofa e feminista negra, afirma que “a fuga da negritude é a medida da consciência de sua rejeição social” (CARNEIRO, 2011, pg. 73). Por esse motivo, o psicólogo ignora a companheira que lhe escreve as cartas, e a enxerga como não capaz de ser sua namorada/esposa. Ele não a reconhece como uma mulher sábia ou que poderia ser uma intelectual, pois tais características são atribuídas a Marli Novaes, uma mulher branca que tem a mesma profissão que a sua. Por outro lado, a sua ex-companheira só é lembrada quando se trata de manter relações sexuais.

Homens negros não estão isentos de reproduzirem o racismo, Rael ao reconhecer sua mulher como não capaz, utiliza da segregação (uma ferramenta altamente racista) para delimitar um território que a reconhece como incapaz e o nomeia como sujeito superior. Vale destacar a falta de consciência de cor que muito está presente em homens negros que adquirem uma posição de destaque na sociedade. Como exemplo, é muito comum vermos jogadores de futebol negros relacionando-se apenas com mulheres brancas, loiras, magras,

⁷ CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

com corpos esbeltos entre outras características eurocêntricas. Esses homens passam a se comportarem como sujeitos brancos, ignorando seus traços fenotípicos, descartando a possibilidade de assumirem um relacionamento com negras e contribuindo para a matriz de opressão moderna que tanto atinge pessoas como eles que estão em posição social/economicamente inferior.

A realidade vivida pela ex-companheira de Rael, é algo a se pensar como existente nas vidas de muitas mulheres. Mulheres negras, dentro de um mundo com pensamentos coloniais, dificilmente são reconhecidas como competentes, pois são vistas como Outras, isto é, tudo aquilo que está fora de um modelo tido como normal/padrão. Esses modelos delimitam papéis que as julgam como insignificantes. E, contribuindo com a discussão, Kilomba vem afirmar que:

Mulheres *negras*, por não serem nem *brancas* nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil na sociedade patriarcal de supremacia *branca*. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser a/o “*Outra/o*” e nunca o eu.” (KILOMBA, 2019, p. 190).

Como a mulher negra é vista como Outra, muitas pessoas que vivem em situação de privilégio podem julgar que suas vidas não importam, pois como estão nesse estado de Outridade, são inferiores ou insignificantes. E, se existe a predominância desse tipo de pensamento, é evidente que a vida de tais mulheres corre vários tipos de riscos. No conto “Cinco cartas para Rael”, a personagem principal é violentada pelo chefe que tentou agarrá-la a força, mas por medo de perder o emprego, ela não esboça nenhum tipo de reação. A ideia da mulher negra como sexualmente disponível é algo muito presente na sociedade machista em que estamos inseridos, e, por esse motivo, muitos homens se sentem (erroneamente) no direito de tocá-las ou abusá-las da forma que quiserem.

O caso sofrido pela personagem do conto além de ter um lado marcado pela predominância do sexismo, há também um racismo que é explicitado quando ela afirma sobre o seu chefe a seguinte fala “Nojento, acha que mulher, principalmente mulher negra, está à disposição dos seus arroubos lascivos” (ALVES, 2011, PG. 71). Casos como esses, quando são denunciados/falados para pessoas brancas de gênero masculino, muitas vezes são desacreditados por elas, pois segundo Kilomba trazem verdades desconfortáveis que poderiam prejudicar o poder que tal grupo detém.

O racismo não é um problema pessoal, mas um problema *branco* estrutural e institucional que pessoas *negras* experienciam. Esse é um acontecimento comum para *negras* e *negros* quando abordamos a questão do racismo: intimidação por um lado, patologização individual por outro. Ambas

controlam mecanismos que impedem que o sujeito branco ouça verdades desconfortáveis, que, se levadas a sério, arruinariam seu poder. (KILOMBA, 2019, p. 204)

Se aplicarmos essa questão ao conto aqui analisado, quais poderes seriam arruinados se a personagem principal não se calasse diante das opressões sofridas? Vale ressaltar que o silêncio que ela tem consigo não é resultado de uma covardia, como ela afirma em determinado momento da narrativa. A culpa do seu silêncio é de todo um sistema opressor que não a faz enxergar as violências que a circundam. E, muitas vezes, quando as barreiras desse silêncio são rompidas, as queixas de mulheres negras como ela são arquivadas pelo sistema jurídico que deveria as protegerem. Desse modo, Carla Akotirene vem a dizer que “o cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para mulheres negras.” (AKOTIRENE, 2019, p. 63).

Toda essa ausência de seguridade social reflete na exploração sofrida pela narradora. Ela é quem aguenta calada toda a dor da sobrecarga de trabalho, do abuso do chefe, do abandono do marido, da futura maternidade sem um pai por perto. Por outro lado, essa mesma narradora também procura uma forma de fugir dessas aflições desenvolvendo o trabalho de fotógrafa e se distanciando do chefe, aceitando o fim do relacionamento com Rael, buscando melhoras para sua carreira como uma forma de ser independente e se proteger de futuras opressões.

Em uma análise do conto, na sua dissertação de mestrado, Figueiredo (2009)⁸ vem a definir a personagem principal de “Cinco cartas para Rael” como uma voz que questiona, que reflete sobre as situações que vivenciou e que também chega a lutar para sobreviver. Como a autora do estudo diz abaixo:

Questionadora, a voz narrativa aponta erros mais comuns na sociedade onde prevalece a política de favores e o mito da democracia racial. O primeiro plano da narrativa, o romance entre a narradora e Rael, é o subterfúgio para o segundo plano, mais profundo, que exalta a crítica à sociedade vigente. A narradora vê na escrita a possibilidade de refletir sobre as próprias vivências que, no cotidiano, foram arrastadas pela luta constante para ser aceita, se aceitar e sobreviver. (FIGUEIREDO, 2009, p. 72).

As vivências da narradora do conto, dizem muito sobre sua força em querer dar a volta por cima se tornando uma intelectual e crescendo profissionalmente como fotógrafa, além de ela aceitar o término do namoro com Rael de cabeça erguida, mostrando que estava curada, como ela mesma afirma:

⁸ FIGUEIREDO, F.R. A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.131. 2009.

Rael, pareço-me banhar pela manhã, retirava dos poros o resto de sua presença. Estou curada. Espero não ter recaída. Surpreso por considerá-lo uma doença? Não pegue a palavra ao pé do termo, é uma simbologia. Andei lendo muito esses meses. Estou tornando-me uma intelectual. Enxuguei você. Enxuguei lágrimas de tempos. Sou apenas eu de novo. Em simples eu. (ALVES, 2011, pg. 77).

Esse termo “curada” dá ao leitor uma noção de que todo o relacionamento havia sido tóxico. A personagem-narradora diz que não considera seu ex-namorado como uma doença, mas fica claro ao leitor que a cura que ela alcançou se refere a um relacionamento marcado por violências. E, dentre elas, destaca-se novamente o abandono da mulher negra, citada também na análise do conto “Maria”. Complementando com a discussão desse tema, a filósofa Djamila Ribeiro⁹ afirma que:

Dados do Censo de 2010 mostram que as mulheres negras são as que menos se casam e, entre as com mais de cinquenta anos, elas são maioria na categoria “celibato definitivo”, ou seja, que nunca viveram com um cônjuge. Obviamente não pretendo sugerir com quem as pessoas negras devem se relacionar. A questão é revelar os processos históricos que fazem com que as mulheres negras, sobretudo as retintas, sejam sistematicamente preteridas, como se não fossem dignas de serem amadas. É preciso questionar padrões estéticos que desumanizam as mulheres negras.” (RIBEIRO, 2019, p. 87-88)

Os padrões estéticos que desumanizam mulheres negras são baseados em construções racistas, que através de uma visão eurocêntrica privilegiam as pessoas brancas, denominando-as como unicamente belas. Narizes largos, peles escuras, cabelos crespos, corpos não magros são vistos pela branquitude como características não correspondentes ao modelo padrão de beleza por ela instituída. Nesse sentido, entra também em questão o marcador classe social, pois quem detém maior poder aquisitivo e domínio das grandes mídias contribui para o aumento dessa visão racista, que tanto oprime pessoas negras.

3.3. Diálogos interseccionais: “Maria” remete “Cinco cartas para Rael”.

Haja vista o que foi apresentado neste capítulo, pretendemos comparar os contos aqui discutidos a fim de percebermos como as opressões de raça/cor, gênero e classe social dialogam nas narrativas tanto de Conceição Evaristo como na de Miriam Alves. Sabendo-se que a primeira autora citada se apoia no conceito da escrevivência, podemos identificar nesta análise de cunho interseccional uma forma de enxergar as problemáticas que também estão presentes na realidade. Entender a ficção, neste caso, é uma forma de nos entendermos como sujeitos com grande potencial para a transformação anti-opressora que o mundo precisa.

⁹ RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Em relação ao racismo nas duas narrativas, notamos que tanto em “Maria” como em “Cinco cartas para Rael” a violência de raça acontece implícita e explicitamente. Maria, em seu trabalho recebe migalhas dos seus patrões, o que mostra não só uma violência de raça, como também a de classe. Enquanto que à ex-companheira de Rael é renegado o direito de amá-lo publicamente, por esta ser negra. Além disso, como forma mais brutal dessa opressão, o corpo destas duas personagens é tocado, seja em forma de assédio sexual, seja em agressões físicas. Interligando com o que foi exposto Grada Kilomba afirma que “A diferença é usada como marca para invasão” (KILOMBA, 2019, pg. 121). E, é por se sentir diferente, no sentido de sentir-se superior, que o sujeito branco se sente à vontade em invadir o corpo negro e exteriorizar ofensas como “negra safada” ou “negra atrevida”, como vimos acontecer com Maria.

A ofensa ao gênero feminino está presente na maior parte dos contos mostrados. Também de forma implícita e explícita. O abandono que as duas personagens sofrem de seus companheiros revela-se um fator que contribui para uma parcial melhora de vida, como no caso da personagem que se relacionara com Rael, que o superou e começou a progredir na carreira de fotógrafa, ou, contribui para o extermínio de uma vida, como no caso de Maria, que além de desgastar sua saúde no trabalho, foi barbaramente vítima de racismo.

Vale lembrar que o abandono dos homens não foi só em relação às personagens femininas, mas também aos filhos que estas geraram. Eles abandonaram, violentaram e foram seguir com suas vidas, se isentando da responsabilidade de cuidar e proteger dos filhos menores de idade. Quando falamos de abandono à mulher negra não se trata apenas de um mero afastamento ao indivíduo feminino, mas, em muitos casos, a um afastamento que as deixam vulneráveis a uma série de violências, a uma série de responsabilidades, a um alto risco de elas desenvolverem doenças físicas e psicológicas, a um perigo constante de muitas se inserirem nos índices da extrema pobreza etc. Esse abandono que falamos não se trata só dos seus/suas companheiros/as afetivos, mas também do Estado, que com sua estrutura racista e patriarcal, as desassiste e as desprivilegia causando-lhes danos ainda maiores.

Os diferentes tipos de violência aqui destacados geram nas pessoas violentadas diferentes graus de danos psíquicos. Rael, como psicólogo, não se preocupa em saber como anda a saúde mental da sua ex-companheira. E, utilizando esse exemplo, podemos destacar o personagem como metáfora que representa toda a área da psicologia, que segundo Sueli Carneiro “é uma das áreas das ciências humanas que menos têm contribuído para minimizar o problema” (CARNEIRO, 2011, pg. 79). O problema em questão é dos danos psíquicos causados pelo racismo.

Fazendo um recorte de classe social, percebemos que a personagem principal de “Cinco cartas para Rael”, em momento algum, denuncia ou afirma viver na pobreza. Ela, a personagem, tem certa “vantagem” em relação à Maria por ter um emprego formal, e além do mais, ganhar uma renda extra ao trabalhar como fotógrafa. Todos esses ofícios exercidos requerem um curso profissionalizante, que em muitos casos exige dos estudantes um significativo valor com os gastos.

Em contrapartida, no conto “Maria” a extrema pobreza é um dos panos de fundo da narrativa. Nele há uma voz que denuncia os abusos cometidos por patrões, que se aproveitam da classe social para explorar sua funcionária e pagar-lhe o mínimo do mínimo. Fazendo com que a luta pela sobrevivência de tal mulher se tornasse mais pesada, dificultosa, extenuante e cansativa. Vale destacar que tanto no conto de Conceição Evaristo como no de Miriam Alves há um olhar voltado para a desvalorização da mulher negra no seu ambiente de trabalho.

Mesmo diante de tantas opressões, percebemos que as personagens femininas criaram expectativas de obter uma vida melhor. No conto de Conceição Evaristo, é notável que Maria se preocupava com o futuro dos filhos e enxergava neles uma fonte de mudança, ela temia que seus descendentes entrassem para a criminalidade, assim como o pai. Para a personagem, seus filhos “haveriam de ter outra vida. Tudo seria diferente.” (EVARISTO, 2016, pg. 40). Já em “Cinco cartas para Rael”, a personagem principal enxergava nela mesma o poder de mudar sua realidade, porém, mesmo sabendo que podia chegar em alto patamar de reconhecimento como fotógrafa ela sabia que “é duro manter-se lá” pois “chove muito nesses degraus, menor descuido... Tombo certo.” (ALVES, 2011, pg. 78).

Por fim, haja vista as situações e problematizações apontadas, afirmamos que a mulher negra, na escala das opressões às minorias sociais, faz parte do grupo mais atingido. Não só por ser negra, mas também por ser mulher. Vale destacar que o marcador classe social não é empecilho para que a violência contra esse grupo seja cessada. Nos contos aqui analisados, percebemos que quanto menor a condição financeira das personagens mais intensa é a violência a qual estão submetidas, ou, utilizando um exemplo metafórico, maior é o impacto do atropelamento delas no cruzamento das avenidas identitárias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todas as problemáticas apresentadas nos contos de Conceição Evaristo e Miriam Alves, explicadas a partir dos estudos interseccionais e antirracistas de Carla Akotirene e Grada Kilomba, é importante pensarmos na Literatura Afro-brasileira como uma forma de compreensão de nossa realidade. Antônio Candido diz que: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 2011, p.182). Essa compreensão da sociedade se estende quando lemos escritoras negras, que, assumindo um compromisso ético e político, denunciam as opressões vividas por um grupo historicamente subjugado e marginalizado.

Conceição Evaristo, através das personagens dos contos “Beijo na Face” e “Maria”, coloca em pauta a questão da vigilância a qual as mulheres negras são submetidas. Podemos assim dizer que existe um sistema que monitora a mulher negra o tempo todo. Nas avenidas da sociedade racista e patriarcal, olhos visíveis e invisíveis vigiam os corpos das mulheres negras, esperando que, ao menor “deslize” dessas mulheres, possam praticar contra elas os antigos comportamentos sádicos da violência colonial. De tal modo, Salinda é vigiada e ameaçada pelo marido, Maria é monitorada pelos passageiros do ônibus que a julgam como participante de um assalto.

Já Miriam Alves, com suas personagens dos contos “Os olhos verdes de Esmeralda” e “Cinco cartas para Rael”, escreve histórias de mulheres negras violentadas em consequência do marcador racial atrelado ao de gênero e/ou orientação sexual. Assim como nas narrativas de Conceição Evaristo, essas personagens são mulheres negras monitoradas, em muitas ocasiões, por homens. Esmeralda desperta os olhares sexistas dos primos e dos policiais, enquanto a protagonista do conto “Cinco cartas para Rael”, além de ser vigiada pelo parceiro que a pretere em função da mulher branca, é também assediada pelo chefe no trabalho.

É possível dizer que as quatro personagens principais dos contos, aqui analisados, estão situadas no cruzamento de raça e gênero, sendo todas atingidas nessa localidade. Salinda, por exemplo, não é acidentada diretamente por ser negra, mas é diretamente afetada por ser mulher e lésbica. Diferentemente de Maria, Esmeralda e a personagem-narradora de “Cinco cartas para Rael” que são vítimas de um racismo explícito que as inferiorizam, violam seus corpos, e/ou até aniquilam suas vidas. Em relação aos traumas dessa violência, Kilomba afirma que:

O racismo se torna um fantasma, assombrando-nos noite e dia. Um fantasma *branco*. Vivê-lo é tão excessivo e intolerável para a organização psíquica, que a violência do racismo assombra o *sujeito negro* de maneiras que outros eventos não o fazem. É uma estranha possessão que retorna como conhecimento fragmentado. Somos assombradas/os por memórias e experiências que causaram uma dor desumanizante, uma dor da qual se tem pressa em fugir. (KILOMBA, 2019, p. 219).

Esse fantasma que sempre retorna aos campos da memória do sujeito negro é, por vezes, difícil de ser eliminado. Dependendo do impacto da violência do racismo, muitos traumas só podem ser superados através de muito acompanhamento psicológico. E, adentrando no marcador identitário de classe, sabemos que boa parte da população negra, assim como a personagem Maria, não dispõem de recursos que permitam o acesso deles a um psicólogo. Sabemos que algumas unidades de saúde da família oferecem suporte gratuito, e muitas outras não.

Quando falamos da violência de classe, vemos este marcador ganhar forma no conto Maria, quando seus patrões aproveitam da sua condição para explorá-la ao máximo e pagar-lhe valores ínfimos que garantam o mínimo de sobrevivência para ela e seus filhos. Quando falamos de violência lesbofóbica, vemos ela se concretizar no estupro corretivo que Esmeralda e Marina sofrem dos policiais, e também nas ameaças do marido de Salinda, que fala em brigar pela guarda dos filhos ao saber que sua então companheira está se relacionando com uma mulher.

Ao nos referirmos à violência de gênero, vemos que ela percorre as quatro narrativas, aqui analisadas, todas as personagens são oprimidas por serem mulheres. Vale salientar que todos os que violentam essas mulheres são predominantemente homens heterossexuais, pertencentes, assim, ao sistema cisheteropatriarcal. A misoginia entrecruzada com o racismo é evidenciada quando Maria é chamada de negra safada pelos passageiros do ônibus, quando Esmeralda e Marina são chamadas de negras nojentas, e quando Rael abandona sua companheira negra e passa a se relacionar com uma mulher branca.

As condições que levam essas personagens a serem acidentadas de diferentes formas estão justamente nessa sociedade que compartilha de pensamentos e comportamentos coloniais e patriarcais que reproduzem o racismo, o sexismo, a misoginia, a LGBTfobia, a violência de classe contra pessoas negras, em especial contra as mulheres negras que estão entre as mais atingidas. Grada Kilomba afirma que “Enquanto o *sujeito branco* reencena o passado, o presente é proibido ao *sujeito negro*” (KILOMBA, 2019, p. 225). Com isso, é preciso lutar não só na literatura, mas em várias áreas do conhecimento para que cresça o

movimento de descolonização que dê ao sujeito negro a liberdade de viver o presente sem as opressões do colonialismo moderno.

É importante destacar que no cruzamento das avenidas identitárias não existe somente pessoas acidentadas, no meio dessas avenidas existem minorias que podem sim serem colididas pelos diferentes eixos de opressão, mas estão dispostas a reorganizarem esse trânsito e fazê-lo um lugar melhor para o convívio de todos. No meio dessas avenidas há mulheres negras que se amam e se desejam, assim como Salinda e sua semelhante, como também, Esmeralda e Marina. No meio dessas avenidas há mulheres negras repletas de sonhos, como Maria que almejava dar um futuro digno aos filhos, ou como a personagem de “Cinco cartas para Rael” que só queria que o amor do seu companheiro fosse correspondido. No meio das avenidas identitárias, na ficção e na realidade, há pessoas que se amam, que almejam serem livres das amarras da matriz de opressão colonial moderna e viverem suas vidas em situação de igualdade racial, econômica e sexual, assim como aqueles/as que sempre usufruíram dos privilégios por serem brancos/as, heterossexuais e pertencentes a uma suposta elite econômica e intelectual.

Por fim, podemos dizer que o amor é o elemento que une as quatro personagens estudadas. O amor perpassa todos os contos analisados e nos faz ver o lado humano de mulheres negras que sofrem a violência colonial por serem quem são. E assim como o cantor paraibano Chico César (2019) também acreditamos que “o amor é um ato revolucionário”. O amor promove a revolução quando uma mulher negra e pobre, como a personagem Maria, dá o seu suor em um trabalho análogo à escravidão para que seus filhos tenham um futuro melhor. O amor promove a revolução quando mulheres negras e lésbicas, como Esmeralda e Marina, mesmo diante de violências brutais, permanecem unidas para superar os traumas sofridos. O amor revoluciona a história da personagem Salinda que, mesmo diante das ameaças do ex-marido, não desiste de viver uma relação afetiva com outra mulher, sua semelhante. O amor é o combustível que alimenta a protagonista de “Cinco cartas para Rael”, que desiste da ilusão de uma relação não correspondida, para descobrir um novo modo de amar, através da criança que carrega no ventre que se avoluma. O amor promove a revolução quando escritoras e teóricas negras decidem mostrar histórias e teorias que buscam combater às opressões e fazer com que pessoas negras passem a serem enxergadas como seres dotados de subjetividade e intelectualidade, força e fragilidade, dureza e sensibilidade e uma capacidade infinita de amar e se reinventar.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, M. *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- BOSI, Alfredo. Introdução. In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CÉSAR, Chico. *O Amor é um ato revolucionário*. Direção artística: Francisco César Gonçalves, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liana Schneider. *Estudos Feministas*. 2002, vol.10, n.1, p.171-188.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. 116 p.
- FIGUEIREDO, F.R. *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.131, 2009.
- GOMES, Heloísa Toller. Prefácio. EVARISTO, Conceição. In: *Olhos D'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro. 2019. 12 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em 25 Jan. 2020.
- IPEA. *Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça*. 4. ed. Brasília: 2011.
- KILOMBA, C. *Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- Lima, Juliana Domingues de. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. NEXO. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em 25 Jan. 2020.
- MATA, Inocência; PADILHA, Laura. Introdução. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri/Centro de Tempo e Espaços Africanos, 2007.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. Artes & Ensaios: revista do ppgav/eba/ufjf, Rio de Janeiro, n.32, p. 122-151, dez. 2016.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Ana Caroline; ALMEIDA, Maria Aparecida. Recortes da Subalternização Feminina em *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo. In: XIII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 2018, Campina Grande. Anais XIII CONAGES: Editora Realize, 2018. p. 1-11.

SILVA, Elisabete.; PEREIRA, André. Escre(vivência) homocultural no conto 'Beijo Na Face', de Conceição Evaristo. In: V Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidade, 2017, Salvador. Anais Enlaçando: Editora Realize, 2017. P. 1-6. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA8_ID854_19062017222955.pdf>. Acesso em 3 Jan. 2020.

SILVA, F. C. Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras. Tese (Tese em literatura) – PUC Minas. Belo Horizonte, p. 212. 2018. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaFC_1.pdf>. Acesso em: 20 Dez. 2019.